

JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA

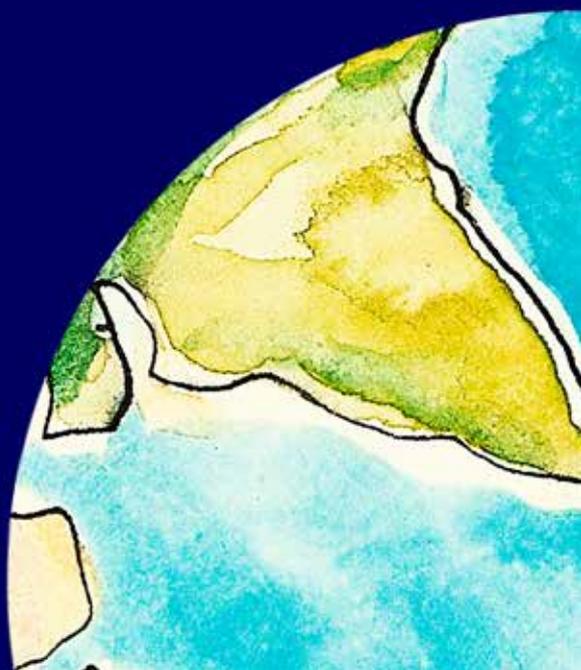
Como crianças, jovens e adultos podem resolver
conflitos de maneira pacífica

PARTE TEÓRICA



Manual para escolas
e outros contextos sociais

 **terre des hommes**
Apoio à Infância



O Manual pela paz “Juntos contra a violência” consiste em três partes:

- A. Parte Teórica (para educadores, professores, trabalhadores sociais, familiares e interessados em geral)
- B. Parte Prática (para educadores, professores, trabalhadores sociais, familiares e interessados em geral)
- C. Livro Ilustrado (para crianças, adolescentes e adultos)

O objetivo desse Manual Internacional pela paz é atingir o maior número de pessoas possível. Cópias podem ser feitas para uso não comercial. Em caso de dúvida, contate: contact@papui.org ou terre des hommes Alemanha.

© 2021 terre des hommes Alemanha

Autoras Rita Erben e Astrid Kummer

Ilustrador Emanuele Scanziani

**Coordenação
e Redação** Ralf Willinger

Design Gráfico Oliver J. Wiebelt

Tradução Maryse Rivolier, Telma Crespo

Revisão Tânia Crespo, Raphael Daibert, Bruna Leite, Lucina Stolz

Consultores Peter e Julia Strack

Criado na Cidade internacional de Auroville (Índia)

Publicado por terre des hommes Alemanha
Apoio à Infância
Ruppenkampstr. 11 a,
49084 Osnabücker, Alemanha

www.tdh.de | www.tdh-latinoamerica.de

Contato e Download gratuito

contact@papui.org | www.papui.org

JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA

Como crianças, jovens e adultos podem resolver
conflitos de maneira pacífica

Rita Erben, Astrid Kummer e
Emanuele Scanziani

Publicado por:
terre des hommes - Alemanha



ÍNDICE

Prefácio de terre des hommes	6
Como utilizar este manual pela paz	8
1. O QUE É VIOLÊNCIA?	10
Introdução	10
As quatro categorias da violência	11
Compreender a violência	14
Os modelos: adultos, professores e trabalhadores sociais	15
Ciclo de violência	17
Gerenciar um conflito de maneira positiva	18
2. COMUNICAÇÃO	19
Por uma comunicação bem-sucedida	20
Percepção e aprendizado intercultural	21
3. EMPATIA	23
O que é empatia?	23
Cultivando empatia em crianças e com os jovens	24
4. O QUE SÃO EMOÇÕES?	27
Provocação e bullying	28
Entendendo o comportamento que leva ao bullying	29
5. LIDANDO COM OS IMPULSOS	31
O que é lidar com os impulsos?	31
6. LIDANDO COM A RAIVA	32
7. OS CONFLITOS E SUAS SOLUÇÕES	34
Nascimento do conflito	34
Etapas de conflitos	36
Dez regras para evitar a escalada de conflitos	39
Porque crianças batem	43
A mediação	44
8. DESENVOLVENDO A AUTOCONFIANÇA – FORTALECENDO AS CRIANÇAS	45
O segredo da força interior	45
9. DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES	52
10. IGUALDADE ENTRE MENINAS E MENINOS	58
11. AMIZADE E AMOR	60
A EQUIPE	62
SOBRE AUROVILLE	64
SOBRE TERRE DES HOMMES	67



PREFÁCIO

Para fortalecer a energia de paz das crianças

“Uma pessoa não violenta tem sempre mais poder do que uma pessoa que usa a violência.”

Mahatma Gandhi

Essa citação de Gandhi mostra uma sabedoria de fácil compreensão mesmo para as crianças. A violência é sempre usada quando há um desejo por algo, aquilo que não se pode obter com o uso de outros meios. As pessoas fazem uso da violência quando se sentem feridas, inferiores a alguém ou até mesmo humilhadas. Em todos os casos, a violência é manifestada quando há um estado de fragilidade. Crianças comumente experimentam isso em seu cotidiano. Uma criança (ou, às vezes, um adulto), chuta ou bate o que encontra pela frente porque pensa ser a única forma de conseguir o que se quer ou porque se sente triste, injustiçada ou profundamente ferida.

É muito importante para todos e todas que trabalham com crianças, ensiná-las que ser pacífico e não ser violento num conflito significa ser especialmente forte e autoconfiante. Mais importante ainda é vivenciar essa mensagem, ao invés de pregá-la. Educadores e educadoras, trabalhadores e trabalhadoras sociais e familiares são modelos de conduta e devem prestar atenção especial em agir de maneira não violenta. Não importa se no dia-a-dia, na escola ou na família. Nenhuma violência, seja física, emocional ou verbal, como ridicularizar ou humilhar, deveria ser realizada ou permitida. Na realidade, é importante mostrar às crianças como resolver conflitos de maneira pacífica: tendo respeito e empatia pelos outros e por seus desejos e necessidades, assim como ao buscar justos acordos entre as pessoas.

Apesar disso, a não-violência não diz respeito somente ao comportamento moral do indivíduo. Quase todos os países do mundo concordaram e assinaram acordos para proteger crianças e adolescentes de qualquer forma de violência, o que implica em legislação, aplicação das leis e processos, assim como programas sociais, de prevenção e de educação. Tudo isso está expresso no artigo 19 da Convenção das Nações Unidas para os Direitos da Criança, que foi assinado por todos os países – com exceção dos Estados Unidos. Assim, a proteção e a prevenção da violência é um direito humano central e universal, para todas as crianças.

Gandhi disse que a não-violência é poderosa de uma forma especial. As crianças compreenderão isso pois toda criança carrega em si uma energia de paz. O desejo de viver em paz com as pessoas e com a natureza não é facilmente corrompido enquanto o ambiente emocional acolhe e apoia uma criança. Dessa forma, o amor e o cuidado pelas crianças são as contribuições mais importantes para um mundo mais pacífico. As crianças, porém, precisam aprender também a ter lucidez de seus próprios sentimentos e necessidades, assim como os de outras pessoas, e respeitá-los. “Be true, not violent – Seja autêntico, não violento”, o título em inglês do manual mostra isso claramente: “Aja e comporte-se como você verdadeiramente é – seja não-violento.”

“A consciência é a fonte da verdade e sabedoria. O poder da consciência é o poder da não-violência.”

Mahatma Gandhi

Vemos que para promover a não-violência, a consciência das crianças precisa ser fortalecida. Crianças que são fortes e autoconfiantes, que trazem a energia da paz e da tolerância em seus corações, não promoverão o uso da violência e da guerra quando forem adultos. Elas defenderão a paz, seguindo outras pessoas que fizeram isso com êxito. Há, por exemplo, centenas de milhares de jovens “Ativistas de Mão Vermelha” ao redor do mundo que protestam contra o uso de crianças como soldados¹. Ou grupos de jovens pacifistas conscientemente contra o serviço militar na Colômbia, na Síria ou em outras zonas de conflitos, que corajosamente quebraram o ciclo vicioso de violência em seus países.

Fortalecer a autoconfiança e a energia de paz em crianças e adolescentes é também o objetivo central de muitos projetos financiados pela organização dos direitos da criança terre des hommes. Eles estão localizados ao redor de todo o mundo, na América Latina, Ásia, África e Alemanha. A autoconfiança de muitas dessas crianças, sua voz interior, sua “Luzinha”, são frequentemente muito enfraquecidas. Elas precisam de amor e cuidado, especialmente se tiverem vivenciado situações de violência ou se já se comportam de modo agressivo e violento. Nesses casos, um passo importante é domar o dragão, o “Draggy”, a raiva e a tristeza interior.

De formas parecidas, Draggy e Luzinha são os melhores amigos do pequeno Papui nessa história lindamente ilustrada, parte do Manual pela paz. Eles o ajudam a curar as feridas da alma, a superar o medo, a raiva e a resolver os conflitos pacificamente. Além disso, o manual contém uma parte teórica e outra prática para educadores, educadoras e familiares. A parte teórica encoraja os leitores e as leitoras a refletirem sobre seus sentimentos e percepção de conflitos, assim como seu comportamento em uma situação conflituosa. O objetivo é abordar os conflitos de maneira consciente e, acima de tudo, ser um verdadeiro modelo de conduta. A parte teórica é também a base para uma real compreensão de como os conflitos e a violência evoluem e como podem ser solucionados. A parte prática, por sua vez, traz o conceito de como realmente ensinar este conhecimento para as crianças. Em 33 sessões de grupo, com uma hora de duração cada, crianças entre 6 e 14 anos, estarão aptas a aprender por meio de jogos, histórias e exercícios de respiração e relaxamento.

Ler o Manual e os quadrinhos é uma experiência prazerosa, visto que ambos contém lindas passagens sobre sabedoria. Por este meio, quero expressar minha gratidão equipe de Rita Erben, Astrid Kummer, Emanuele Scanziani e todos aqueles e aquelas que trabalharam neste Manual pela paz por tanto tempo e com tanto esforço. Parabéns!

terre des hommes e seus parceiros utilizarão este Manual pela paz na América Latina, África, Ásia e Alemanha contribuindo por uma grande divulgação. É uma extraordinária ferramenta para prevenção da violência e educação para a paz – um pequeno, mas significativo passo por um mundo mais pacífico.



Ralf Willinger



Direitos da Criança e Cultura de Paz
terre des hommes Alemanha – Apoio à Infância

¹ Campanha “Mão Vermelha”: www.redhandday.org

COMO UTILIZAR ESTE MANUAL PELA PAZ?

Orientação para educadores, educadoras, pais e trabalhadores e trabalhadoras sociais

Toda criança carrega consigo uma verdadeira força de paz. Crianças e jovens são o futuro do nosso planeta. Elas precisam de proteção contra a violência, assim como precisam de adultos que tomem um lado, pela vida e contra a violência e a guerra, com toda força e determinação. Elas precisam de um espaço de aprendizado caracterizado pela verdade e pela confiança. Esses são os princípios-guia para criação deste manual pela paz.

JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA, é um programa de prevenção contra a violência para crianças e jovens na escola e em outros contextos sociais. Seu currículo foi estruturado para poder ser utilizado internacionalmente: para crianças em locais de conflito, em países em desenvolvimento, e também no ambiente cotidiano no contexto ocidental.

A violência prevalece em todos os lugares. Pode acontecer em qualquer lugar do mundo: seja na escola, no parquinho, no ônibus ou em casa.

Este programa cobre o ano escolar com 33 sessões, e foi pensado para crianças e jovens.

Este manual pela paz: JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA, já foi traduzido ao inglês, português, espanhol, alemão, tâmil, burmês, tailandês, karen, khmer, cebuano e filipino. As ilustrações representam diferentes culturas.

JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA, é um programa que visa reduzir o comportamento impulsivo e agressivo nas crianças. Elas aprenderão a reconhecer seus sentimentos e a expressá-los de maneira sadia e positiva. Resolver pacificamente os conflitos, sem o uso da força ou da violência, é o objetivo de aprendizagem deste programa.

As crianças aprenderão seus limites e fronteiras; a levar os outros a sério e a pensar sobre os sentimentos de outras pessoas. Elas também aprenderão como ter empatia em relação aos outros e a identificar e lidar com sua raiva e frustração. Estes são os alicerces do programa “Seja autêntico, não violento”. Além disso, desejamos ilustrar alternativas de cultivo da autoconfiança nas crianças, a fim de torná-las “fortes” o suficiente para lidarem com o mundo atual.



As três partes do manual

- A.** O manual contém *bases teóricas* para o tratamento dos conflitos civis. Por exemplo: os capítulos “O que é violência?” e “Etapas da escalada dos conflitos”, abordam as bases pedagógicas para gerenciar a raiva, praticar a empatia e controlar os impulsos.
- B.** O manual de *instruções práticas* para os educadores e educadoras, trabalhadores e trabalhadoras sociais com explicações e métodos para o trabalho em grupo por 33 sessões de 90 minutos. O manual é ilustrado com desenhos claros.



No anexo da parte prática você encontrará cartões com desenhos de situações de conflito e situações-chave dos quadrinhos “As aventuras de Papui, Draggy e Luzinha”. Por exemplo, dois grupos de crianças se encaram. Elas se zangam e começam a gritar umas com as outras e algumas delas ficam violentas. Elas discutem sobre qual jogo irão jogar. Papui olha para elas sob uma perspectiva diferente.

Estes cartões mostram essas situações. Elas são tiradas dos quadrinhos. O professor ou professora, trabalhador ou trabalhadora social podem mostrar às crianças um cartão relacionado a certa situação de conflito. As crianças, então, encenam a situação e depois discutem como lidar com certas circunstâncias que fariam todo mundo feliz.

- C.** *Uma revista* em quadrinhos: “As Aventuras de Papui, Draggy e Luzinha” com várias histórias de Papui, seu dragão e Luzinha.

Papui é o modelo que perpassa todo o projeto. O menino Papui é uma figura artística que se move pela vida. Por meio de histórias, Papui experiencia repetidamente confrontações com violência, medo e situações de dificuldade e conflito. A ideia é: “Como ele vai lidar com as situações? Como ele resolve esses conflitos? Como ele responde à violência e ao medo?” Papui também se pergunta: “O que está por trás da violência? Por que os seres humanos se machucam uns aos outros?”

Com a ajuda de Luzinha – sua amiga invisível, sua voz interior e consciência com poderes de cura – Papui tenta encontrar o sentido mais profundo por trás das coisas, de não julgar aos outros e sim desenvolver compreensão e empatia pela realidade do outro.

O logotipo mostra Papui em cima de um dragão branco domado. Escolhemos este logotipo porque crianças do mundo inteiro têm medo do dragão “perigoso”. Papui fez do dragão seu amigo e ajudante porque por trás de um dragão perigoso há uma alma que também busca por amor e carinho.

I. O QUE É VIOLÊNCIA?

1.1. Introdução

Como se inicia uma guerra?

“Papai, você me explica, por favor, como se inicia uma guerra?” – um menino pergunta a seu pai.

“Sim filho, deixa eu tentar te explicar”, responde o pai. “Imagine que os Estados Unidos envie tropas militares ao Alasca!”

Neste momento, a mãe entra e interjeita: . “Como você pode dizer tanta besteira a uma criança? Quando é que os Estados Unidos entraram em guerra contra o Alasca? Lá só vivem o povo Inuit, os ursos polares e as focas. Nunca escutei tamanha besteira!”

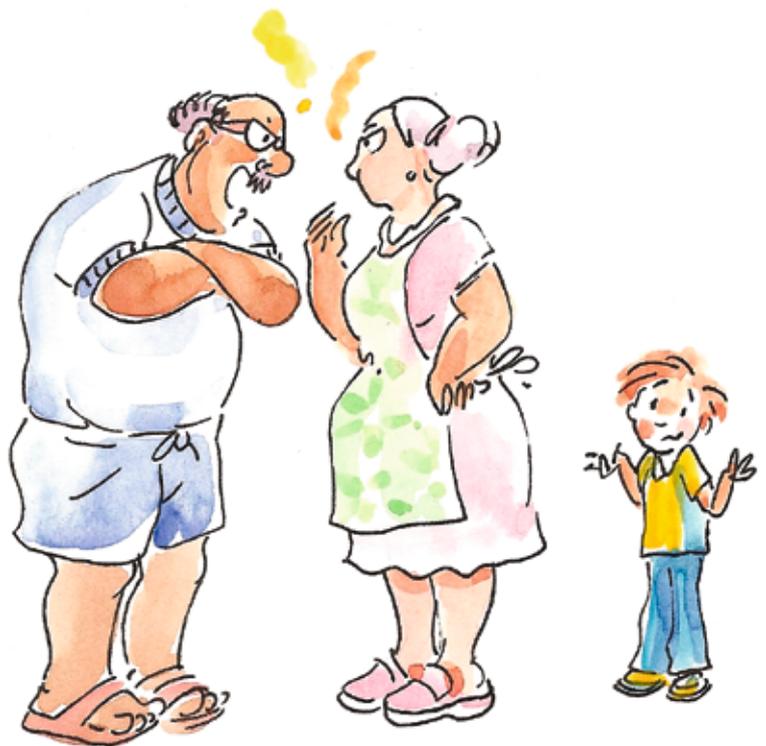
Seu marido tenta se justificar: “Minha querida esposa, eu só quis dar um exemplo de como se começa uma guerra.

Mas, sua esposa agora está brava e lhe dá um tapa: “Com esses exemplos estúpidos você só vai confundir a criança. E além disso, é mentira, os Estados Unidos nunca entraram em guerra contra o Alasca.”

“O quê? Você está me chamando de mentiroso?” pergunta seu marido com raiva. “Gasto meu tempo explicando as coisas para o nosso filho e você vem me chatear? Se você acha que faz melhor, então por que você não explica? Você sempre acha que sabe tudo melhor mesmo!”

A mãe retruca gritando: “O quê? Por que você está falando assim comigo? Isso é um absurdo, não vou falar mais nada!” Ela sai da sala e bate a porta.

O filho balança a cabeça e diz: “Meus queridos pais, vocês não precisam mais me explicar como se inicia uma guerra. Agora eu posso bem imaginar.”



Quando pessoas de qualquer idade, sexo, cultura ou religião interagem umas com as outras, há sempre um potencial pelo conflito. O conflito, pode assim, ser parte do dia-a-dia. No entanto, não são os conflitos que são o problema, mas a forma como tentamos resolvê-los – muitas vezes com violência.

1.2. As quatro categorias da violência

Para que haja uma prevenção efetiva do comportamento violento e uma relação de paz de uns com os outros, primeiramente precisamos deixar claro o que entendemos por violência.

Cada um de nós tem uma definição diferente sobre violência. Por exemplo, uma pessoa pode sentir que a violência acontece quando há gritos ou ela está sendo insultada. Enquanto outra talvez sinta que a violência existe só quando estão apanhando ou sendo chutadas.

É importante existir uma definição comum para violência antes de começar a trabalhar com este tópico.

Aqui vai uma definição comum:

“Qualquer ação que tenha como objetivo machucar, danificar ou destruir objetos, plantas, animais, outros seres humanos ou a si mesmo é considerado violência”.

Para maior esclarecimento, gostaríamos de diferenciar formas de violência em quatro categorias, especificamente quando se trata do trabalho com crianças:

1. Violência física;
2. Violência emocional;
3. Violência verbal;
4. Violência contra coisas (danos materiais).

Violência física



Violência física implica uma pessoa agredir a outra intencionalmente, na maioria das vezes, por força física ou agressão.

Pode-se manifestar por meio de arranhões, puxões de cabelo, tapas, socos ou chutes – as agressões físicas mais sérias causadas pelo uso de armas ou objetos afiados. Outro aspecto importante da violência física é aquela que pode ser dirigida contra si.

Violência emocional



Violência emocional, às vezes também chamada violência psicológica, ocorre quando uma pessoa intencionalmente machuca a outra emocionalmente, ou seja, por rejeição, humilhação, falta de confiança, ao evitar contato, desencorajar alguma coisa ou fazer chantagem emocional.

Violência Verbal



Violência verbal acontece quando uma pessoa usa as palavras para magoar ou humilhar outra pessoa. Ou seja, ao repreender, ameaçar, tratar mal ou insultar alguém. Isso pode acontecer “cara-a-cara” ou de forma indireta, pelas costas de alguém.

Violência contra coisas (danos materiais)



Isso acontece quando uma agressão tem como resultado a destruição de objetos (bens materiais) – sem direção, com o que estiver ao alcance – ou especificamente com intenção de danificar coisas que pertencem a alguém a fim de prejudicá-la.

Essa é uma breve introdução do que é violência e das mais variadas formas que ela pode ser expressada. No entanto, este é só o início de uma questão muito mais complexa.

1.3. Compreender a violência

Por que é tão importante compreender a violência?

Muitas vezes, a violência é a expressão de uma emoção subjacente ou uma frustração. Pode ser qualquer coisa, como: raiva, decepção, medo, impotência, falta de atenção, carência, etc.

Para impedir e transformar a violência, no entanto, devemos aprender a descobrir suas raízes, para então trabalhar sua eliminação.



“A violência é gerada em relações interhumanas. Não importa em que forma ela se manifeste, sempre representa o estágio final de conflitos nunca expressados, mal-entendidos ou más interpretações. A violência é uma expressão de amargor e insatisfação pessoal. Mesmo que seja usada como forma de resolver conflitos, ela sempre criará novos conflitos.”

Bruendel, H., Hurrelmann, K.

É de extrema importância estudar as origens da violência. A violência frequentemente tem suas raízes em histórias de vida – um padrão vivido ou testemunhado como criança. Talvez a pessoa esteja triste ou se sentindo excluída, tratada injustamente, sob pressão, abusada ou simplesmente maltratada? Esse tipo de sofrimento leva a uma ansiedade interior intensa. Essa pessoa pode pensar que a agressividade, as ações violentas, poderão lhe trazer um alívio dessa pressão.



É, então, muito importante não julgar crianças que demonstrem comportamentos agressivos e não excluí-las do grupo, pois isso só tornará a situação mais difícil.

Também é importante ajudar as crianças a compreender que uma pessoa que age de maneira destrutiva na verdade precisa de ajuda e amizade mais do que de castigo e medo.

Faz muito sentido tratar a criança violenta com compreensão e aceitação, e oferecer ajuda para que encontre uma solução para seus dilemas internos. Assim, o primeiro passo essencial neste processo de prevenção à violência e solução de conflitos de maneira não violenta é perguntar à criança a razão de seu comportamento. Se ela não tiver palavras para se expressar, devemos ficar atentos a seus sinais não verbais. Só assim estaremos numa posição de trazer sugestões eficazes e apropriadas.

1.4. Os modelos: adultos e adultas, professores e professoras, trabalhadores e trabalhadoras sociais

Como visto anteriormente, a violência tem inúmeras definições e várias formas de manifestação. Além disso, cada indivíduo tem sua própria interpretação sobre quando uma ação é considerada ser agressiva ou violenta. Para uns, violência é quando uma criança importuna outra. Para outros, é começa quando uma criança começa a fisicamente bater em outra.

Sua compreensão ou definição de violência vai influenciar seu trabalho como professor ou professora e em como as reações aos comportamentos agressivos em sala de aula podem ser abordadas. Algumas questões que você deve se perguntar são: Quando devo, ou não, intervir? Como deve ser essa intervenção e quais serão os meios para ajudar as crianças a agir? Isso seria saudável a elas e a seus colegas?

É essencial encontrar meios para transformar estes comportamentos destrutivos e difíceis, em comum acordo com os seus colegas, e decidir juntos o melhor momento para fazer as intervenções. Sua própria compreensão da agressão e da violência tem influência na maneira como você percebe e reage a essas situações.

Crianças observam e imitam o comportamento dos adultos. Elas rapidamente percebem a sua maneira de comunicar e lidar com o time de professores da equipe pedagógica. Vocês entram em consenso? Vocês



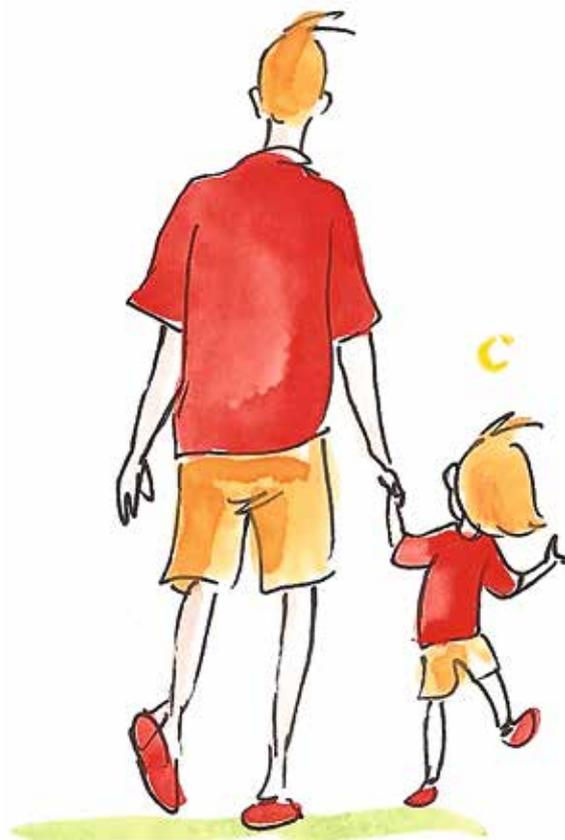
trocam pontos de vista e opiniões? Vocês se tratam com respeito? Ou vocês trabalham separadamente, ignorando uns aos outros, não respeitando acordos comuns e falando mal até mesmo de seus próprios colegas?

Crianças são muito sensíveis aos espaços que habitam e aos seus arredores. Como professor ou professora, se falhar ao agir de maneira justa, elas não só não vão parar de te respeitar, como também irão crescer imitando interações sociais doentias dos adultos (especialmente de educadores e familiares), o que se mostrará prejudicial a elas a longo prazo.

Em profissões ligadas à educação e ao trabalho social com crianças é particularmente importante ter em mente nossos papéis como referência. Quando trabalharem com este programa: “Juntos contra a violência”, é provável que tenham mais consciência de suas próprias sensações – e das maneiras de se comunicar uns com os outros. Este programa pode ser também uma ferramenta útil para que desenvolvam essas habilidades.

Nos capítulos seguintes, apresentaremos sobre o surgimento dos conflitos, como eles se manifestam, aumentam e fogem do controle. Vamos também demonstrar como gerenciar os conflitos de maneira pacífica e fazer proposições de soluções alternativas.

Violência quase sempre gera violência, seja na família, na escola ou no trabalho. A violência é transmitida de geração a geração. E só irá parar quando as crianças aprenderem a resolver seus conflitos de maneira pacífica, sem o uso da violência. As crianças são nosso futuro. Nós devemos ajudá-las a entender que uma ação positiva pode contagiar positivamente o outro e que isto, por sua vez, tem um efeito positivo na sociedade em geral.



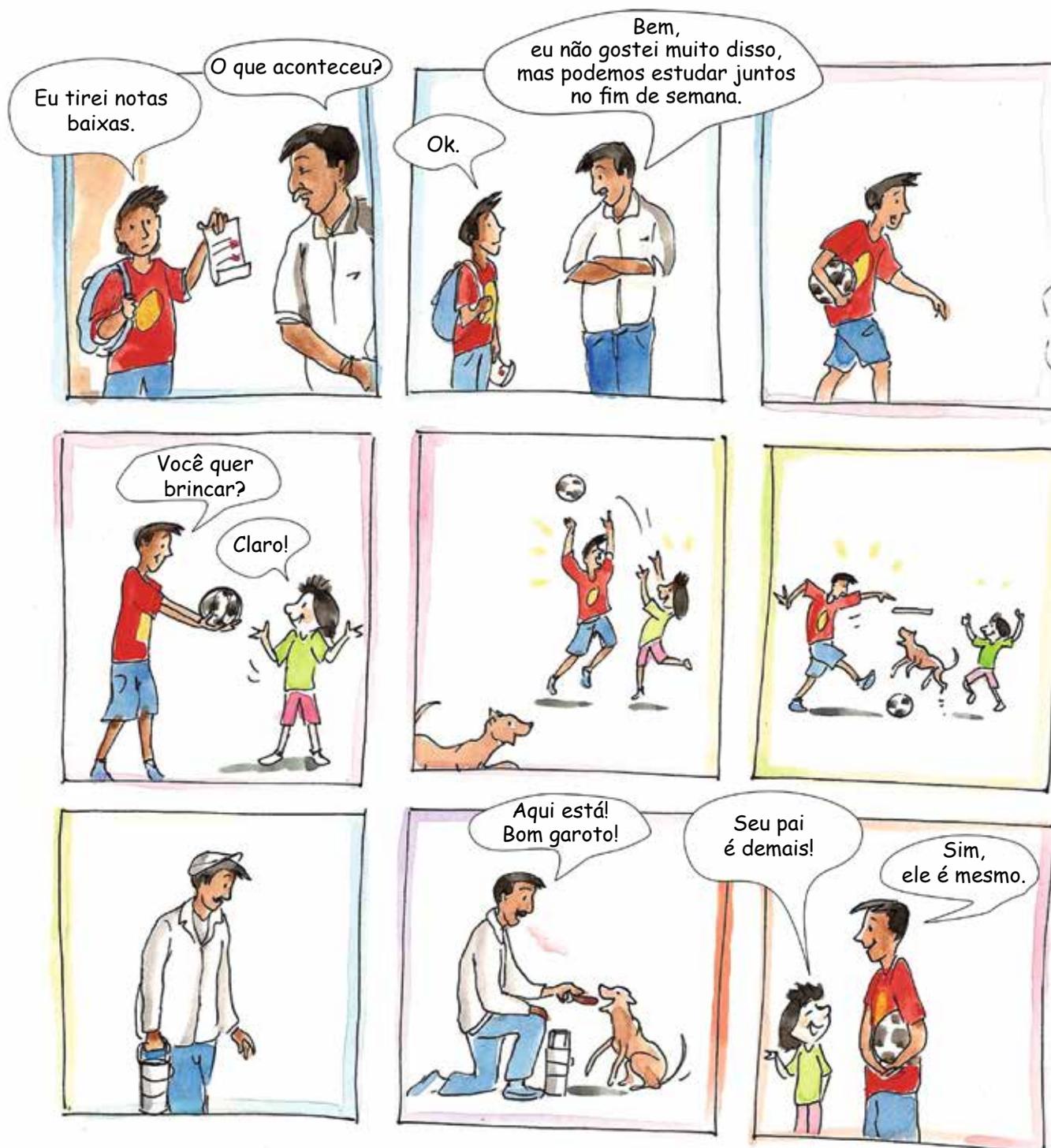
1.5. Ciclo de violência

Os quadrinhos a seguir ilustram uma cadeia de eventos que conduzem à violência.



1.6. Gerenciar um conflito de maneira positiva

Ao invés de responder à violência com violência, nós podemos escolher lidar com calma uns com os outros. O quadrinho abaixo ilustra claramente como isso pode acontecer:



2. COMUNICAÇÃO

A comunicação é particularmente importante no contexto de prevenção da violência.

Marshall B. Rosenberg desenvolveu um método de comunicação não-violenta que é comumente utilizado em processos de resolução de conflitos.



Por experiência própria sabemos que não é fácil compreender a todos. Os mal-entendidos são inevitáveis e podem ocorrer com frequência, inclusive entre pessoas que falam a mesma língua. Isso acontece porque a comunicação envolve mais do que somente a palavra falada. Quando nos comunicamos, por exemplo, nós não só usamos a linguagem e entonação (comunicação verbal) para transmitir e receber informações, nós usamos também a linguagem corporal (comunicação não-verbal) na forma de gestos, posturas, expressões faciais etc. Se mal interpretados, esses poderosos sinais podem gerar uma atmosfera de tensão e agressividade – que, muito frequentemente, nos faz sentir magoados, ofendidos, rejeitados ou decepcionados. Para que evitemos esses mal-entendidos ao nos comunicarmos, é muito importante que não só prestemos atenção no que nosso companheiro ou nossa companheira esteja tentando transmitir – mas, que nós também permitamos dar o tempo necessário para que a pessoa termine de falar, antes de reagirmos ou interrompermos.



Uma comunicação clara, verbal e não verbal, ajuda a evitar mal-entendidos. Para que as mensagens sejam claras a quem as ouve, as palavras devem coincidir com as expressões corporais e faciais.

O contato visual ou evitar um olhar direto também podem mandar uma mensagem. De forma geral, há na cultura ocidental uma grande importância ao contato visual por acreditar-se amplamente que a troca de olhares demonstre interesse mútuo e uma escuta ativa. Em outras culturas, por sua vez, deve-se ser evitado pois, ao contrário, implica falta de respeito.

2.1. Por uma comunicação bem-sucedida

A fim de se ter uma comunicação efetiva, há algumas ferramentas simples que irão aumentar nossa compreensão do outro – como usar mensagens na primeira pessoa do singular (“eu”), e ser um ouvinte ativo e alerta. Isso fará com que as pessoas saibam que você as está levando a sério e que você está interessado em ouvir o que elas têm a dizer. É muito importante dar um ao outro o seu “tempo para falar” e permitir que o outro finalize sua fala sem interrupções. Nossa tarefa como ouvinte é observar e tentar compreender o outro pela sua perspectiva, ao invés da nossa.



Na parte prática, incluímos alguns exercícios práticos e jogos para aprender como se utilizar dessas ferramentas.

Mandando mensagens na primeira pessoa do singular “eu”

Ao falarmos e partilharmos opiniões com os outros, é importante utilizar a palavra “eu”, pois quando falamos de nós mesmos devemos evitar generalizações usando termos como “nós”, “todo mundo” ou “as pessoas”. A utilização da primeira pessoa do singular (“eu”) implica que estamos assumindo a responsabilidade daquilo que expressamos e que não estamos tentando nos esconder por trás de uma generalização ou de uma acusação. Estamos sendo diretos, objetivos e concretos quando nos expressamos a partir do “eu”. Por exemplo: “Eu estou com raiva de você porque...” ao invés de dizer: “Você me deixa nervoso...” ou “você me irrita”.

Escuta ativa

Quando estiver ouvindo alguém, leve a outra pessoa a sério e mostre que o que ela está dividindo é importante. Leve o tempo que for necessário para ouvir. Se não entender alguma coisa, pergunte. Busque esclarecer o assunto para que não haja mensagens não-ditas e tente entendê-las.

Uma vez que você consiga sentir quais são os desejos e as necessidades do outro, verifique com a pessoa. Pergunte se aquilo que você acha ou que sente corresponde ao que a pessoa quis expressar.

Fundamentalmente, escuta ativa quer dizer:

- Prestar atenção em quem fala e tentar entender as entrelinhas
- Focar no conteúdo
- Não deixar-se distrair
- Perguntar caso não haja clareza sobre o assunto
- Abster-se de julgar ou dar sua opinião
- Ficar atento aos seus próprios sentimentos
- Reconhecer as emoções da outra pessoa e expressá-las

Deixe a pessoa terminar de falar

Ainda que isso devesse ser a norma, muitas vezes não é o caso. Muitas vezes crianças não têm muita oportunidade de dizer o que as perturba, principalmente quando estão sendo interrompidas. Muitas crianças precisam de uma forte autoestima para que tentem se explicar pela segunda vez.

Acontece de alguém falar sem parar, sem deixar espaço para que outra pessoa também fale. Pode-se, de forma amigável, interrompê-la na busca de se estabelecer uma conversa. Comunicar-se não significa ouvir um monólogo e sim dialogar uns com os outros.

Observar e compreender a linguagem corporal

É comum que a linguagem corporal seja mais clara que as palavras. Por exemplo, em momentos de crise e em situações de conflito podemos entender muito ao observar as expressões faciais, os gestos instintivos, a entonação da voz, a postura, a falta de contato visual e a agitação da pessoa que está fornecendo ou recebendo a informação.

2.2. Percepção e aprendizado intercultural

O comportamento social dos seres humanos é essencialmente determinado pela percepção, ou seja, pela maneira de perceber o mundo exterior por meios perceptivos sensoriais. A forma como reagimos depende enormemente em como percebemos o mundo à nossa volta, o que vemos, cheiramos, ouvimos, provamos, sentimos.

Nossa compreensão de mundo depende da nossa habilidade de selecionar e interpretar as informações que recebemos diariamente. Esse processo de seleção e interpretação também pode ser influenciado pela forma como nos sentimos naquele momento e pela nossa perspectiva.

Cada sociedade ou nação tem sua própria cultura que é influenciada por perspectivas ou emoções específicas. Cultura pode ser definida como sendo a atividade artística e social, a expressão e os gostos valorizados por uma sociedade ou uma classe. É muito provável que, no mundo multicultural da atualidade, descubramos que nossas interações com as pessoas não sejam limitadas àquelas que compartilham da mesma cultura que a nossa. Desta forma, não podemos presumir que a nossa compreensão de mundo vá corresponder a da outra pessoa. Mesmo dentro da mesma cultura, diferenças individuais podem emergir. É importante não só prestarmos atenção em como percebemos as coisas, mas também em como os outros também as percebem, para que sejamos capazes de enxergar por uma perspectiva diferente – assim como pela nossa.

Os mesmos gestos podem ser interpretados de variadas formas em diferentes culturas.

Por exemplo: afirmar com um balanço de cabeça de um lado para o outro. Em muitas culturas ocidentais este gesto quer dizer “não”, mas na Índia é entendido como “sim”, exatamente o oposto.



“A única verdade sobre uma história é o que o público acredita.”

Hermann Hesse, Heumond

3. EMPATIA

3.1. O que é empatia?

Empatia literalmente quer dizer “sentir por dentro”, a capacidade de se colocar na posição da outra pessoa e sentir as sensações do outro. É a habilidade de se ver vestindo o calçado de alguém, sentir-se dentro da perspectiva do outro.

“Caminhar com os moccasins de outra pessoa”

*Expressão indiana completa:
“Nunca julgue alguém antes que você tenha andado nos moccasins da pessoa pela lua.”*

Empatia também significa reconhecer que a outra pessoa reage de uma forma diferente de mim, perante a mesma situação. Além de aprender como posso compreendê-la e me colocar no seu lugar.

Geralmente, os seres humanos conseguem captar os sentimentos dos outros, como se tivessem antenas. Isso normalmente se produz de forma inconsciente pela percepção de sinais corporais e orais. Alguns exemplos são o tom e volume de voz, expressões faciais e posturas corporais. Cientistas descobriram que só 20% destas informações são percebidas conscientemente e armazenadas em nosso cérebro. Também descobriram que as informações sobre as emoções são expressas, principalmente, por meio de comunicação não verbal. Todos nós nascemos com capacidade de nos comunicarmos por mensagens emocionais. Um exemplo seria: uma mãe percebe os sinais do bebê e reage de acordo. De forma similar, o bebê recebe e reage às emoções da mãe.



Quando somos empáticos quer dizer que temos a habilidade de nos colocarmos no lugar de outra pessoa, e como resultado desentendimentos e mal-entendidos são menos frequentes. A empatia ajuda a diminuir a raiva em relação ao comportamento de alguém. Muito frequentemente, um comportamento empático gera uma atmosfera de paz. Para sentir empatia a pessoa normalmente tem um bom conhecimento de si mesma, de seus sentimentos e geralmente é uma pessoa confiante, que não se sente ameaçada pelas situações da vida.

Temos seis sentimentos e emoções básicos: tristeza, alegria, raiva, medo, surpresa e repugnância. Quando reaprendemos a identificar os nossos sentimentos e emoções de maneira autêntica, começamos a desenvolver a compreensão e, assim, a empatia.

Todos têm a capacidade de serem empáticos. É um sentimento inato. Por muitos motivos muitos de nós perdemos essa habilidade com o tempo. Mas sempre pode-se reaprendê-la.

3.2. Cultivando empatia em crianças e com os jovens

Trechos de uma palestra por Arundhati Roy:

Empatia - Um guia de "como fazer"

O processo de desenvolver habilidade empática envolve etapas distintas. O primeiro passo é a consciência própria: precisamos ser capazes de identificar nossas próprias emoções, reconhecê-las por aquilo que são e admiti-las. Um precedente crucial é deixar-se experimentar emoções ao invés de bloqueá-las.

Reconhecer e estar em harmonia com nossas próprias emoções nos permite dar o próximo passo: estar atento às emoções do outro. Quanto maior a gama de emoções que podemos experimentar e quanto maior for nossa alfabetização emocional (a habilidade de identificar e nomear nossas emoções), maiores as chances de fazermos uma leitura correta das emoções de outra pessoa.

Uma boa escuta (que implica em perguntar, saber preencher lacunas e fazer adivinhações emocionalmente inteligentes) é essencial, assim como interpretar as pistas não verbais. A sensibilidade é crucial porque, quanto mais sensível for a pessoa, maior a habilidade de captar as nuances emocionais mais sutis.

Poder "ler" corretamente e de forma compreensiva as mensagens emocionais de outra pessoa nos ajuda a nos identificar com ela. Nós somos capazes de nos imaginarmos na situação do outro e experimentarmos suas emoções intimamente. E isso, por sua vez, garante que possamos dar uma resposta emocionalmente apropriada.

Um exemplo simples: quando uma pessoa sente medo, pode chegar a ser agressiva. A empatia dá a possibilidade de identificar o gatilho emocional desse comportamento, e a responder de modo que aborde a emoção de medo (com tranquilidade, compreensão, etc.).

Para todas as suas diferenças de abordagem, esses programas compartilham certas estratégias comuns. Primeiro, o espaço de introspecção e reflexão é construído na estrutura de todo o programa, então o autoconhecimento é possível.

Segundo, partimos do princípio que a empatia pode ser estimulada somente se o facilitador (educador, líder, mentor) for uma pessoa empática. As reações de educadores e educadoras às situações e às pessoas, suas habilidades para lidar com

as próprias emoções e forma de se relacionar com os outros, têm um impacto direto em sua habilidade para promover o desenvolvimento emocional de um grupo. Assim, mesmo sendo um programa destinado a jovens, é crucial incluir um treinamento aos professores e professoras.

Por último, a sobrevivência de nossa espécie dependerá de nossa habilidade coletiva de empatizar: estarmos cientes de nossos próprios sentimentos e termos a capacidade de relacionar e interagir com os outros de uma forma saudável. Steve Hein faz parte de um grupo de pesquisadores que criaram um site sobre inteligência emocional. Hein argumenta de forma convincente pela necessidade de considerar a empatia como fator importante na evolução. Ele argumenta que nossa habilidade de empatizar seja uma das formas primárias que nossas emoções contribuem para a sobrevivência de nossa espécie e essa é uma das maneiras utilizadas pela natureza para evoluir a um maior nível de sobrevivência.

O hino da paz mundial de John Lennon está se movendo: “Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz ... dividindo o mundo todo”. Com a nossa imaginação podemos perceber a visão de John Lennon. Com a empatia podemos colocá-la em prática.

A letra da música de John Lennon: *IMAGINE*

Imagine there's no heaven	Imagine que não exista o paraíso
It's easy if you try	É fácil se você tentar
No hell below us	Nenhum inferno embaixo de nós
Above us only sky	Acima de nós apenas o céu
Imagine all the people	Imagine todas as pessoas
Living for today ...	Vivendo pelo hoje ...

Imagine there's no countries	Imagine não existirem países
It isn't hard to do	Não é difícil de fazer
Nothing to kill or die for	Nada pelo que matar ou morrer
And no religion too	E também nenhuma religião
Imagine all the people	Imagine todas as pessoas
Living life in peace ...	Vivendo a vida em paz ...

You may say I'm a dreamer	Você pode dizer que sou um sonhador
But I'm not the only one	Mas não sou o único
I hope someday you'll join us	Espero que um dia
And the world will be as one	Você se junte a nós
	E o mundo será como um só

Imagine no possessions
I wonder if you can
No need for greed or hunger
A brotherhood of man
Imagine all the people
Sharing all the world ...

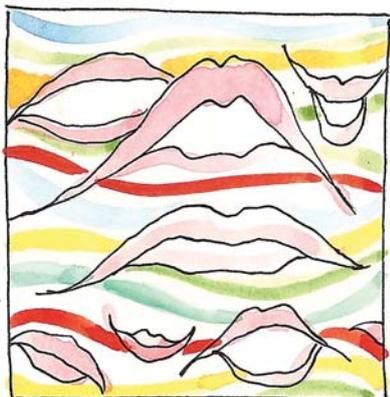
You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will live as one

Imagine não existirem posses
Me pergunto se você consegue
Sem necessidade de ganância ou fome
Uma fraternidade humana
Imagine todas as pessoas
Compartilhando o mundo todo ...

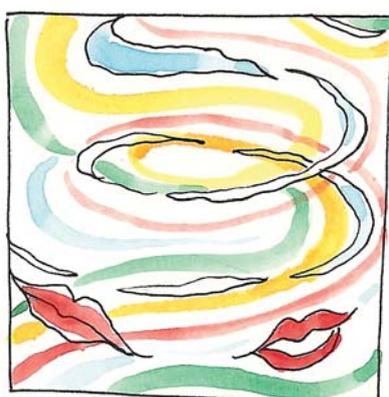
Você pode dizer que sou um sonhador
Mas não sou o único
Espero que um dia
Você se junte a nós
E o mundo viverá como um só

4. O QUE SÃO EMOÇÕES?

Poema de Katja, uma criança de 11 anos.



Sentimentos sobem



Sentimentos descem



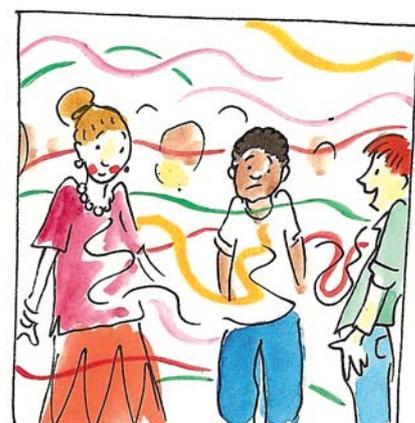
Há sentimentos dentro de nós,
mexendo para todos os lados.



Às vezes são bons,



às vezes são ruins.



Sentir-se excluído
e inseguro são
sentimentos que
acredito que todos
odeiem.



Como expressa de maneira tão bonita e clara a poesia de Katja, sentimentos e emoções são mutáveis, temporários e difíceis de medir. São reações às nossas necessidades, desejos, interesses e experiências. Emoções podem esgotar nosso corpo, nossa mente, nosso coração, nossa alma. Por vezes não os compreendemos – mesmo vivenciando-os desde o nascimento. Só quando aprendemos a identificá-los, reconhecê-los e admiti-los, é que nos tornamos mais capazes de compreender a nós mesmos e aos outros.

Independentemente de quem somos, ou de onde viemos, todos experienciamos nossos sentimentos e emoções uma hora ou outra, mas de acordo com as nossas diferenças culturais (socialização e condicionamentos), por exemplo, fomos “ensinados” a reprimi-los. Pode ser considerado inapropriado, em algumas culturas, que homens chorem, demonstrem ou mesmo falem sobre seus sentimentos. Isso pode fazer com que eles rejeitem, neguem ou recusem seus próprios sentimentos e emoções, que acabariam por restringir sua expressão e comportamento.

Quando negamos nossa raiva e nos recusamos a reconhecê-la, não estamos nos dando a oportunidade de enfrentá-la – e quando não a enfrentamos, é bem possível que ela se transforme em agressão ou depressão. A agressão pode ser direcionada a outras pessoas ou dirigida a nós mesmos. Nesse caso, é possível nos transformarmos em vítimas e nos punirmos com emoções como o remorso, culpa, desesperança ou depressão.

Desta forma, é muito importante não só reconhecer e admitir nossas emoções, mas também os enfrentarmos conscientemente para que não os expressemos de maneira danosa ou perigosa aos outros ou a nós mesmos.

Como professores ou trabalhadores sociais, é particularmente importante a tentativa de encorajar crianças tímidas ou relutantes a falar sobre elas mesmas e seus sentimentos e emoções. Quando uma criança tímida é encorajada a falar e se torna capaz de expressar suas emoções e sentimentos, tenderá a agir de maneira positiva. Se elas demonstrarem sinais de agressividade, no entanto, não devem ser punidas, pois isso irá gerar mais agressão. Deve-se encorajá-las a falar – e a ajudá-las a aprender que há formas mais efetivas de se comunicarem e de se expressarem.

Quando reconhecemos nossas emoções desagradáveis, isso não nos dá o direito de expressá-las de maneira agressiva. Por exemplo, se sentirmos raiva porque alguém pegou nossa caneta sem pedir, isso não nos dá o direito de bater nessa pessoa. Falaremos sobre isso no capítulo 5 – Lidando com os impulsos.

4.1. Provocação e bullying

Todos os dias, Ashok, de 9 anos, pede à sua mãe mais dinheiro para seu almoço. A quantia solicitada estava aumentando semanalmente e ainda assim ele aparentava estar cada vez mais magro – e muitas vezes voltava da escola com fome. Depois de sua mãe perguntar por aí o que poderia estar acontecendo, descobriu que Ashok estava dando dinheiro para um garoto mais velho. Este garoto estava ameaçando bater em Ashok caso não lhe desse o dinheiro diariamente.

A maioria das crianças já foram provocadas por irmãos, irmãs ou amigos em algum momento de sua infância. Normalmente não machuca se foi feito de uma maneira divertida e amigável. Mas, quando a provocação se torna maldosa ou cruel, ela ultrapassa os limites e passa a ser considerada bullying – o que precisa de um fim!

Bullying é quando uma pessoa ou um grupo tenta ferir, intimidar ou controlar uma outra pessoa. Pode também significar bater, dar pontapés, puxar o cabelo, empurrar ou obrigar alguém a fazer algo que não quer. No entanto, bullying não diz respeito somente ao abuso físico – ele também pode se manifestar de verbal ou de abuso emocional. Ou seja, por ameaças, rejeição, perseguição ou abandono. Por exemplo, dando apelidos pejorativos, falando mal de alguém, fazendo alguém se sentir rebaixado, com medo ou mesmo sendo propositalmente ignorado.

É importante que se leve a sério todas as formas de bullying e enfrentá-las. Se não tomarmos nenhuma atitude, a criança vítima de bullying pode perder sua confiança e autoestima. E em casos graves, pode levar a tragédias horríveis, como tiroteios em escolas, acidentes ou mesmo o suicídio.

4.2. Entendendo o comportamento que leva ao bullying

Crianças provocam ou intimidam por diversas razões:

Por atenção

Provocar ou intimidar é uma maneira de atrair a atenção. Infelizmente, para muitas crianças qualquer atenção é melhor que nenhuma atenção.

Sentimentos de superioridade ou poder

Algumas crianças gostam de intimidar porque elas também se sentem inseguras ou têm baixa autoestima. Provocar alguém que é mais fraco as empoderam e as deixam com a sensação de serem mais importantes, populares ou com o controle da situação.

Ser aceito ou aceita pelos colegas

Frequentemente crianças percebem a provocação ou bullying como sendo algo legal a se fazer. O sentimento de “pertencimento”, de se sentirem aceitas pelo grupo, ou de serem populares, pode ser tão forte que elas podem sentir ser necessário intimidar outra criança.

Diferenças mal interpretadas

Em alguns casos, crianças provocam ou se utilizam do *bullying* por simplesmente não entenderem ser inaceitável maltratar outra criança por ela ser diferente. Seja por seu tamanho, sua aparência, sua etnia ou sua religião. Frequentemente, crianças com dificuldades físicas ou de aprendizagem ficam isoladas por serem vulneráveis e tornarem-se alvos fáceis.

Imitação

Crianças tendem a imitar o que elas veem, ou o que está se passando em suas casas. Aquilo que experienciam, reproduzem da mesma maneira com outras. Se são ignoradas, intimidadas, zombadas ou exploradas em casa – tenderão a imitar esses comportamentos na escola.

Influência das mídias

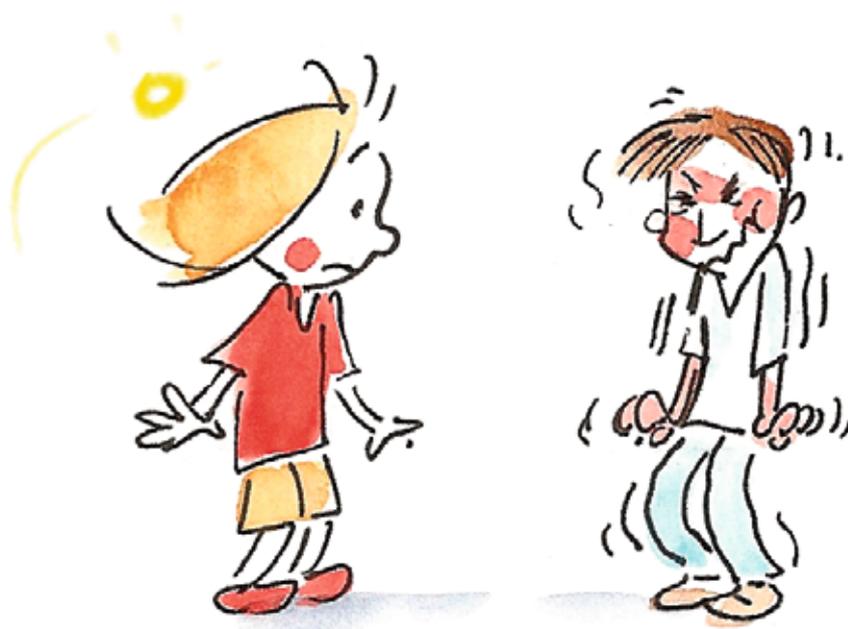
Crianças frequentemente veem violência, bullying ou falta de respeito em programas de televisão, filmes e jogos eletrônicos. Elas são facilmente influenciadas e, às vezes, podem tentar imitar o que veem nas telas.

5. LIDANDO COM OS IMPULSOS

Conflitos fazem parte de nosso dia-a-dia e geralmente levam à tensão. Quando não direcionamos essa tensão, ela pode levar a comportamentos impulsivos, como gritos, portas batidas ou agredir fisicamente uns aos outros. Ainda que estes ataques de raiva pareçam momentâneos, e que a pessoa se refugie na violência para aliviar-se, ela não acabará com o conflito por completo.

Se crianças reagem de forma agressiva em situações tensas, e não questionamos seus comportamentos ou não impomos limites, elas podem sentir que essa forma agressiva de resolução de conflito teve sucesso, porque funcionou para elas! Por isso, é de extrema importância que não somente enfrentemos este tipo de comportamento, como também ajamos como modelos de conduta nós mesmos – já que, geralmente, comportamentos impulsivos dos adultos geram comportamentos impulsivos nas crianças.

5.1. O que é lidar com os impulsos?



Lidando com os impulsos significa, basicamente, que precisamos aprender a manejar nosso comportamento impulsivo. Por exemplo, quando nos sentimos tensos ou com raiva, não devemos reagir sem pensar e agir de acordo com o que sentimos no momento – é melhor dar um passo atrás, e usar o tempo para refletir, para que sejamos capazes de responder assertivamente. Uma criança impulsiva tem tendência a assustar-se e a reagir sem pensar, se não tiver condições emocionais de lidar com certas situações.

Com o nosso programa, as crianças aprenderão que existem formas mais saudáveis de resolver dificuldades e diferenças de opinião – como, por exemplo, ao utilizar técnicas de dramatização, teatro, contação de histórias e debates.

6. LIDANDO COM A RAIVA

A raiva é uma emoção ligada a um grande aborrecimento ou ressentimento, como resultado de algo real ou uma suposta reclamação. Como o medo ou a tristeza, a raiva é uma emoção humana que todos sentimos durante a vida, em algum momento. Ela pode ser vista como uma emoção necessária – assim como pode servir como um sintoma – e conseqüentemente, nos proteger de um possível perigo. E pode até nos ajudar a estabelecer nossos próprios limites – o que nos permite o distanciamento de um insulto, assédio, ou de algum comportamento insensato de outra pessoa.

Não é a raiva, portanto, que causa danos, mas a forma como às vezes a expressamos. Por exemplo, se agirmos antes de pensar, ao invés de pensar antes de agir, há grandes chances de agirmos impulsivamente e expressarmos a raiva de modo nocivo ou destrutivo. Ou seja, por violência física, batendo em alguém, magoando com palavras ou quebrando algo que não seja nosso, por terem pego algum objeto pessoal sem permissão prévia.

Quando agimos por impulso, definitivamente não estamos lidando com a nossa raiva de modo construtivo, porque não nos dá tempo suficiente para refletir. Da mesma forma, quando tentamos reprimir nossa raiva, também não a estamos gerenciando de modo construtivo, pois possivelmente nos tornaremos uma “panela de pressão” e explodiremos.



“Não há realidade além da que temos em nós.”

Hermann Hesse, Demian

“O que se ganha com violência, só pode ser mantido com a força.”

Mahatma Gandhi

Aprender a lidar com nossa raiva se torna mais fácil quando sabemos reconhecê-la e admiti-la a nós mesmos. Ou seja, “Estou sentindo raiva porque ele pegou minhas coisas sem pedir.” Uma vez que tenhamos aprendido a admitir isso, podemos dar um passo atrás, já que isso nos proporcionará a pensar sobre formas mais construtivas de lidar com a raiva. Assim como “Por favor, será que você poderia devolver minhas coisas? Preciso delas.” É também aconselhável dar um tempo e deixar a emoção de raiva assentar. Fazer esportes, ouvir música, escrever, pintar, subir numa árvore etc, são bons exemplos para dissipar a raiva.

Quando nos sentimos provocados, nosso corpo e nossa mente entram em estado de alerta. A mente fica desperta e o corpo reage com agitação, aceleração do coração, tensão muscular, transpiração da pele. Neste estado de excitação é difícil resolver um conflito. Se não aprendermos a dar um passo atrás, a tensão pode se tornar insuportável e, inesperadamente, podemos nos ver explodindo num acesso de raiva. Essa explosão incontrolável pode tornar a situação ainda pior, deixando-nos com emoções negativas, como culpa e remorso.

É necessário, portanto, buscar relaxar e se acalmar em situações similares. Uma vez mais calmo, com os pensamentos mais claros, é importante resolver o conflito e não negar sua existência.

“O bem nunca nasce da mentira e da violência.”

Mahatma Gandhi

“A violência é a arma dos fracos, a não-violência, a dos fortes.”

Mahatma Gandhi

“A violência destrói a si mesma.”

Lao - Tse

Nosso programa ensina a crianças como reconhecer e lidar com suas emoções e como resolver seus conflitos de maneira pacífica.

7. OS CONFLITOS E SUAS SOLUÇÕES

7.1 Nascimento do conflito

Conflitos surgem quando há diferentes pontos de vista ou interesses sobre uma questão, ou necessidades e desejos não atendidos. Se um conflito é resolvido positivamente, as pessoas podem aprender a serem tolerantes e a ampliar seus horizontes.

O ponto é, assim, que não se deve evitar conflitos, mas criar-se uma cultura de conflitos positivos e aprender a lidar com conflitos de uma maneira pacífica e criativa.

Um exemplo de uma situação conflitante na escola: *Maria e Susana se desentenderam. Maria quer brincar de bola com Susana, mas Susana gostaria mais de brincar de boneca. Maria grita com Susana: “Sempre temos que brincar do que você quer, nunca do que eu quero! Sempre precisa ser do seu jeito!”. Susana se retira e não fala nada. Maria se sente insegura e acha que sua amiga não gosta mais dela. Triste, Maria sente ainda mais raiva e diz: “Você não é mais minha amiga.” Susana se desespera, se senta em um canto e chora. Nem uma, nem a outra, consegue entender a situação emocional de ambas.*



O que significa empatia nesse contexto?

Maria e Susana lidam com conflitos de maneiras diferentes. Maria quando está triste, reage com raiva pois a dor de sua tristeza a toma por completo. Para que não sinta dor, ela dá uma volta na tristeza e reage com raiva. Talvez ela tenha aprendido com os pais que tristeza é fraqueza, que ela não deve chorar. Susana, por sua vez, se assusta e se retira para sua própria dor. Ela não consegue entender porque sua amiga não gosta mais dela.

Se Maria conhecesse seus sentimentos, ela poderia dizer: “Fico triste de brincar só com o que você quer. Eu nunca tenho vez.” Susana poderia reagir adequadamente e, dessa forma, não acharia que sua amiga não a quer bem. Poderiam, assim, encontrar uma solução pacífica juntas.

Se Susana aprender a empatizar com os sentimentos de Maria e Maria aprender a empatizar com os sentimentos de Susana, elas poderiam encontrar uma solução, um meio-termo.

Normalmente é possível resolver qualquer conflito. O que é importante é a habilidade em empatizar: reconhecer e entender o sentimento dos outros. E o uso de técnicas para enxergar problemas interpessoais. O pré-requisito para isso é a vontade de resolver o conflito.

Se alguém varre os conflitos para debaixo do tapete, eles emergem em outro lugar em busca de uma solução. Conflitos não devem ser vistos só como um problema. Eles também podem conter uma oportunidade. Comportamentos muito estabelecidos devem ser checados e, se necessário, substituídos por novos. Novas visões e atitudes podem ser encontradas.

Conflitos normalmente não são anunciados. Eles entram no meio do caminho e ficam pouco a pouco mais intensivos. Como muitas pessoas preferem evitar conflitos, elas buscam pelos primeiros sinais, como uma tensão no ar. Geralmente elas só encaram a situação quando algo já aconteceu, quando o conflito já escalou.

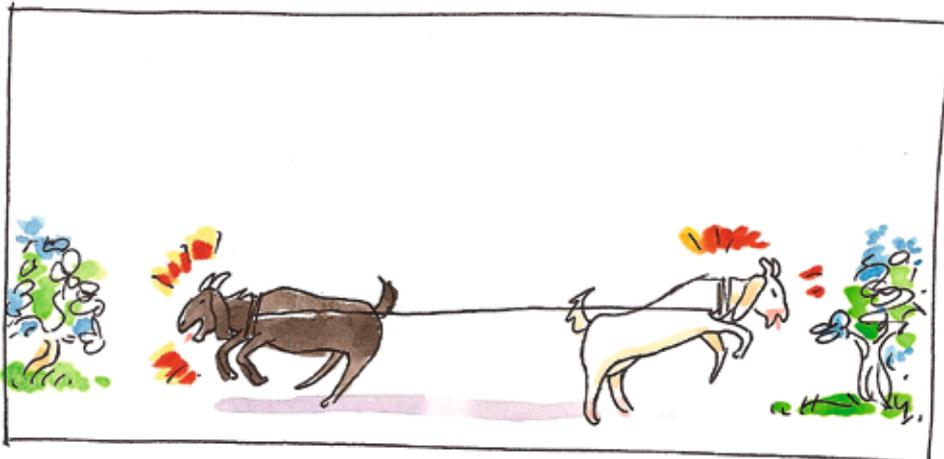
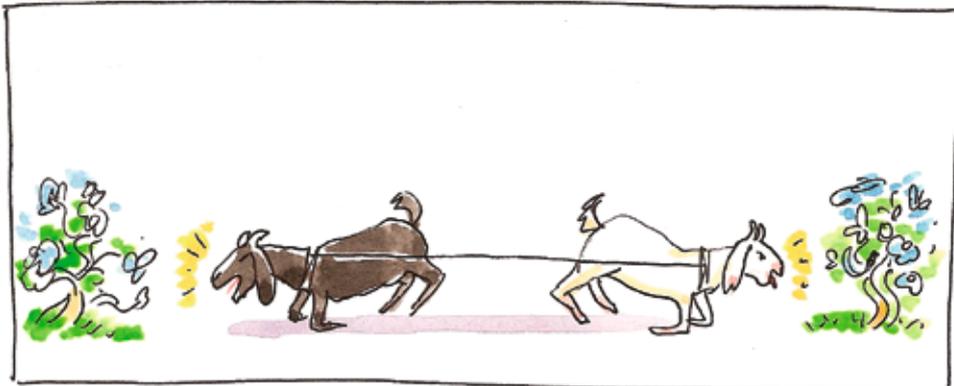
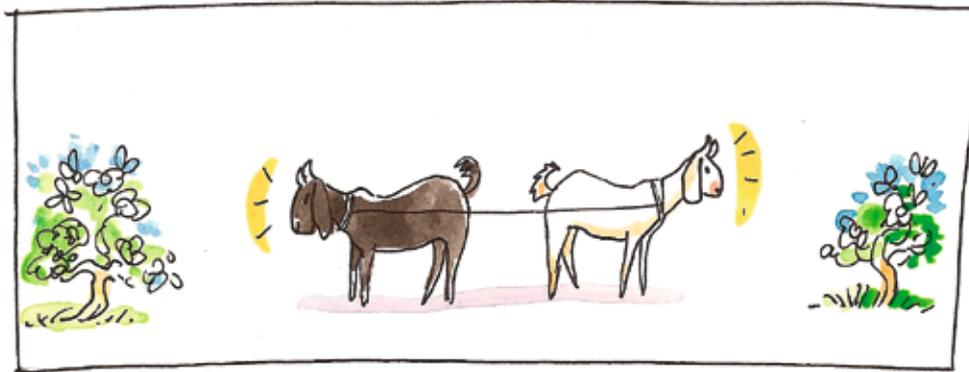
“Conflitos escalam de forma errática, eles se movem pouco a pouco para as profundidades – e, quem sabe, definitivamente em direção ao abismo.”

Friedrich Glasl

7.2. Etapas de conflitos

AS NOVE ETAPAS DA ESCALADA DE CONFLITOS

1. Tensão
2. Discussão
3. Ações, não palavras
4. Criando aliados
5. Criando inimigos, falar mal do outro
6. Ameaças
7. Destruição limitada
8. Fragmentação do inimigo
9. Juntos em direção ao abismo



Como podemos resolver este conflito?

O pesquisador de conflitos Friedrich Glasl diferencia 9 etapas de escalada de conflitos. Vamos examinar de perto estas etapas:

1. Tensão

A situação começa a ficar tensa devido a pontos de vista ou objetivos diferentes, que levam a uma atmosfera emocionalmente carregada e desagradável.

2. Discussão

Conflitos surgem quando pontos de vista opostos são apresentados e discutidos. Ambas as partes tentam competir, achando que os seus argumentos são melhores que os dos outros. Falta empatia quando se cria uma situação de “inferior” versus “superior”.

3. Ações, não palavras

O diálogo está truncado, falar não adianta mais, ninguém se escuta mais. A tensão aumenta e é seguida pela necessidade de uma ação física de qualquer tipo.

4. Criando aliados

Grupos se formam. Ambas partes buscam apoio e aliados (amigos/grupos) são alistados para defender as ideias e as causas do seu grupo. Boatos são espalhados.

5. Criando inimigos, falar mal do outro

As linhas do “campo de batalha” estão delimitadas e a atmosfera se torna hostil. Os oponentes falam mal do outro. Ninguém confia em ninguém e ambos se encaram como o “inimigo” que precisa ser derrotado. “O vencedor leva tudo.”

6. Ameaças

A ameaça de violência e a punição. O conflito se intensifica e cada oponente tenta obter vantagem e “manipular” o outro. Planos e estratégias são desenvolvidos para acabar com o oponente e “gritos de guerra” são criados como forma de ameaças, calúnias e insultos.

7. Destruição limitada

A “batalha” começa. O diálogo falhou e os acordos ou as soluções não são mais possíveis. A violência começa a ser justificada como o único meio de cada um atingir seus objetivos.

8. Fragmentação do inimigo

A violência aumenta e a “batalha” continua com os dois lados tentando desesperadamente destruir um ao outro. Ódio cego.

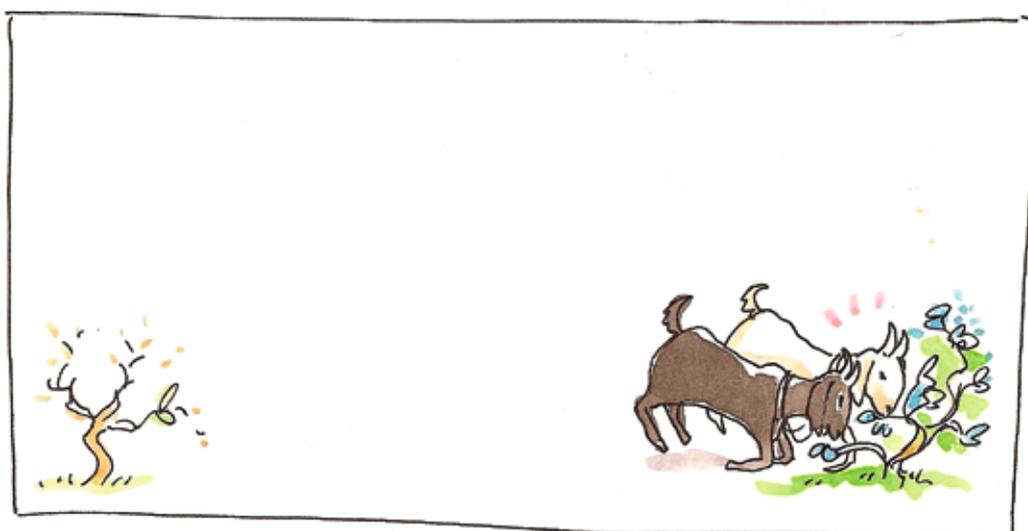
9. Juntos em direção ao abismo

Passado o limite não há ganhadores – não há mais volta, nem possibilidades de avanço. Resta um objetivo: destruir completamente e aniquilar o inimigo.

7.3. Dez regras para evitar o crescimento do conflito

DEZ REGRAS PARA EVITAR O CRESCIMENTO DO CONFLITO

1. Não-violência
2. Não acusar
3. Disposição para conversar
4. Abertura para o diálogo
5. Mediação
6. Confiança
7. Regras do jogo limpo (Fair-play)
8. Empatia
9. Interesses comuns
10. Equilíbrio entre interesses e reconciliação



1. Não-violência

Comportamento ameaçador ou violência física de qualquer tipo nunca resolverão um conflito. Só irão prejudicar a outra parte envolvida e escalonar o conflito até o limite, ou seja, até perder o controle.

2. Não acusar

Apontar o dedo e acusar o outro a fim de ter razão é um jeito bem unilateral em qualquer discussão. A outra pessoa pode se sentir extremamente intimidada.

3. Disposição para conversar

Em qualquer conflito é importante que ambas as partes queiram conversar entre si. Não haverá esperança numa solução ou acordo se não houver um esforço de comunicação entre as pessoas, seja por diálogo ou debate.

4. Abertura ao diálogo

Ambas partes precisam se esforçar para serem “mente aberta” durante a conversa. É importante que tenham uma escuta ativa, sem interromper um ao outro, e que mostrem disposição em considerar o ponto de vista do outro.

5. Mediação

Um mediador é uma pessoa chamada para intermediar, a fim de conciliar uma questão ou conflito. Isso pode ser necessário, por exemplo, em situações nas quais a comunicação foi rompida completamente ou se tornou extremamente difícil.

6. Desenvolver a Confiança

Confiança pressupõe honestidade e credibilidade. Isso envolve dar um voto de confiança ao outro, ser honesto e confiável. Por exemplo, se pedimos para alguém nos fazer algo, dependemos dela para fazê-lo. É importante que mostremos disposição em confiar no outro e nos mostrarmos dignos de confiança.

7. Regras do jogo limpo (Fair-play)

É sempre aconselhável, em qualquer tipo de conflito, estabelecer um conjunto de “regras básicas”, a fim de ser o mais justo possível. Isso ajudará ambas as partes a manter um certo padrão de dignidade, ou fair-play (“jogo limpo”) durante o conflito.

Por exemplo, concordando em respeitar os limites e fronteiras do outro, e se responsabilizar por suas próprias emoções e sentimentos. Ao expressar: “Estou com raiva de você”, no lugar de “você me deixou com raiva”.

8. Empatia

Se somos empáticos uns com os outros, seremos capazes de ver e compreender o ponto de vista do outro. Quando olhamos para um problema ou conflito de uma perspectiva diferente, novas portas se abrem e permitem que encontremos soluções alternativas àquelas que tínhamos em mente.

9. Interesses comuns

Encontrar soluções é sempre mais fácil quando você há foco em interesses comuns, ou seja, as coisas que ambos têm em comum e gostam de fazer juntos, acima daquilo que não gostam.

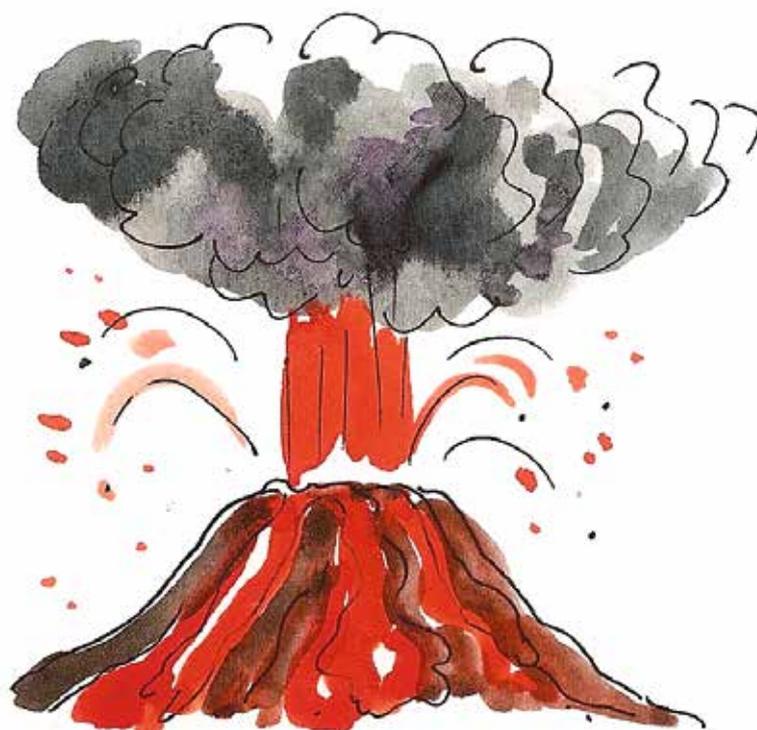
10. Equilíbrio entre os interesses e reconciliação

Quando isso acontece, uma nova relação é desenvolvida entre as partes conflitantes. Chega-se a uma solução ou a um acordo que satisfaça ambas as partes.

A forma como os adultos lidam com os conflitos influencia crianças em como elas se comportam numa situação de conflito. É importante, portanto, que reflitamos sobre a forma como queremos lidar com uma situação conflituosa.

Conflitos se intensificam quando:

- Ofendemos ou fazemos alguém de bobo
- Não diferenciamos entre a pessoa e o conflito
- Entramos em disputa de poder ou tentamos exercer o poder
- Censuramos alguém
- Consideramos somente nossos interesses
- Não reconhecemos as necessidades dos outros
- Não temos discernimento entre “certo” e “errado”
- Formamos grupos para enfrentar uns aos outros
- Ultrapassamos os limites uns dos outros
- Quebramos as regras do jogo limpo



Palavras-chave para uma interação pacífica - sem violência -

Falar sobre o problema de imediato

Quando surge um problema é melhor falar imediatamente, ao invés de tentar “varrer para debaixo do tapete”. Negar que exista um problema, usualmente resulta em emoções “represadas”, que mais tarde irão explodir.

Falar na primeira pessoa

Quando você falar sobre seus sentimentos, tente sempre se “apoderar” deles, ou seja, use “eu” ao invés de “você”. Assim, você se responsabiliza por eles e, dessa forma, não culpa ninguém por aquilo que você sente. Quanto mais usar a palavra “eu”, mais fácil será para o outro compreender seus sentimentos. Numa situação de conflito, ao usar o “eu” no lugar de “você” tem uma outra vantagem na medida em que lhe obriga a ser claro e revelar suas verdadeiras intenções – além de encorajar a outra pessoa a fazer o mesmo.

Não interromper

Tente sempre deixar o outro terminar de falar antes de interromper. Se uma pessoa fala sem parar, sem ouvir, você sempre pode interrompê-la de maneira amigável, e lembrá-la que é a sua vez de falar.

Falar diretamente com a pessoa, mantendo contato visual

Quando você quiser comunicar algo, sempre olhe para a pessoa envolvida e fale diretamente com ela. Isso evita qualquer confusão ou mal-entendido, especialmente se ocorrer em um grupo.

Encontre um ponto de vista comum

Qual é o ponto de vista da outra pessoa? Como ele difere do seu? Não seria possível olhar o problema pela perspectiva dos outros, assim como pela sua própria? De forma que ambos possam chegar a um ponto de vista comum?

Ater-se ao problema

Tente focar na questão que você quer falar, em vez de pular de um assunto a outro. Isso só confunde a outra pessoa e dificulta a compreensão do que você realmente quer falar.

Evitar as acusações e insultos

Culpar a outra pessoa pelo problema, insultá-la ou xingá-la, não ajuda nem é eficaz. Só faz com que a outra pessoa sinta mais raiva ou rejeição, tornando a situação muito pior.

Ver Walter Kern

7.4. Porque crianças batem

Por que algumas crianças agem de uma determinada maneira?

Toda criança é diferente e, portanto, reage de maneira diferente, em algumas situações. Algumas crianças podem até se comportar de modo que percebemos como inapropriado, ou mesmo violento. Por exemplo:

- Podem bater/chutar outra criança, ou quebrar alguma coisa – porque não conseguem expressar ou comunicar o que realmente estão sentindo.
- Silenciam e se fecham em si mesmas – porque se sentem sufocadas por seus problemas.
- Evitam os outros e tentam se afastar das pessoas – porque estão assustadas e não sabem como se proteger.
- Ficam “no mundo da lua” e vivem em seus próprios mundos de fantasias – porque essa é uma alternativa à realidade, muito melhor do que aquela que estão realmente vivendo.
- Gritam, arremessam coisas ou interrompem atividades, de forma geral – porque qualquer atenção é melhor do que não ter atenção alguma.



Professores e professoras, trabalhadores e trabalhadoras sociais que trabalham com crianças “difíceis” precisam ter muita paciência e compreensão. É muito importante estabelecer e manter uma relação acolhedora e amigável com essas crianças, construída a partir da confiança, do respeito e da empatia.

7.5. Mediação

A mediação é um método de “resolução de conflitos” desenvolvido nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970 que ainda é utilizado, com sucesso, nos dias de hoje. A mediação envolve uma terceira pessoa, imparcial, que intervém entre duas ou mais partes em conflito. Os mediadores ajudam a achar uma solução na qual todos os lados estão satisfeitos.

Mediadores não devem premiar, julgar, nem apresentar a solução. A solução deve ser trabalhada por todas as partes envolvidas no conflito. Todos devem ganhar por meio do acordo alcançado.

Essa forma de soluções de conflito construtivas pode dar certo mesmo que as partes envolvidas estejam presas num beco sem saída, não consigam se resolver sozinhas ou que não estejam nem se falando. Mediadores escutam ambas partes envolvidas e, sem preconceito ou julgamento, as permite expressarem seus sentimentos livremente. Eles tentam ajudar a esclarecer suas necessidades e interesses, e os encoraja a trabalharem na busca por uma solução conjunta, proporcionando-lhes um espaço seguro e protegido.

Essa abordagem permite que cada lado experimente o ponto de vista do outro, seus sentimentos, interesses e emoções. O objetivo é desenvolver confiança e compreensão para que encontrem uma solução que todos estejam de acordo. Dessa forma, finalmente, um acordo é assinado por todas as partes do conflito.

Ver Christoph Besemer

Etapas da Mediação

- 1 Introdução
- 2 Esclarecimento e mudança de perspectiva
- 3 Solução
- 4 Acordo

8. DESENVOLVENDO A AUTO-CONFIANÇA – FORTALECENDO AS CRIANÇAS

Autoconfiança é um sentimento de segurança interior, que significa ter fé em seu próprio valor, poderes e julgamento. É um sentimento positivo, adquirido a partir da crença na sua própria capacidade de fazer as coisas bem.

No mundo competitivo e carreirista de hoje em dia, se você quiser ser bem-sucedido em qualquer área, é importante ter confiança em si mesmo e em suas habilidades. Quando você se sente confiante, outras pessoas também o verão assim, portanto, mais capaz. Você estará muito mais propenso a cumprir seu próprio potencial, por saber quem você é, o que quer e o que pode conseguir, de forma realista. Pessoas confiantes são mais autoconscientes pois conhecem seus pontos fortes e fracos. São mais propensas a estarem no controle de suas vidas, e menos propensas a se sentirem vítimas do destino ou das circunstâncias.

É importante, como professores e professoras, trabalhadores e trabalhadoras sociais, que encorajemos as crianças a terem confiança em suas capacidades e talentos. Isso as ajudará em seu crescimento e desenvolvimento, permitindo que se sintam bem consigo mesmas e com os outros.

O nosso programa: JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA tem como objetivo sensibilizar e encorajar o desenvolvimento da autoconfiança através de diversas atividades em grupo.

8.1. O segredo da força interior – resiliência

Resiliência é a palavra-chave que explica porque algumas pessoas conseguem lidar com uma extrema pressão e outras não.

Pesquisadores chamam nossa resistência mental de resiliência – a habilidade de voltar à forma mesmo depois de se despedaçar. Por que é possível, por exemplo, que algumas pessoas sejam capazes de superarem algo enquanto outras não? Por que algumas pessoas se recuperam mais rápido que outras de condições ou situações difíceis? Quais são as competências ou habilidades que precisamos a fim de deixar uma situação de crise nos sentindo mais fortes e capazes de lidar com ela?

Pesquisas psicológicas recentes mostram que todas as pessoas têm o potencial para vencer uma crise, desde que pratiquem a força interior ou resiliência. Algumas pessoas enfrentam situações de vida muito mais difíceis (violência, separação, pobreza, solidão e morte) e, surpreendentemente, não parecem destruí-las psicologicamente ou afetar seu bem-estar mental.



Na ciência, resiliência significa elasticidade, balanço e flexibilidade. Na psicologia significa resistência, que leva as pessoas a suportarem situações de crise e dificuldades. Resiliência é a vontade de sobreviver, e a habilidade de seguir em frente e tomar as rédeas da própria vida, sem maiores danos a longo prazo.

Psicólogos têm pesquisado a resiliência e a resistência mental por quase trinta anos. Este interesse foi provocado pela observação de que nem todas as crianças que cresceram em ambientes extremamente estressantes não foram afetadas negativamente em seu crescimento e desenvolvimento. Enquanto algumas crianças tinham dificuldade e sofriam depois, outras lidavam muito bem e eram capazes de deixar tudo para trás.

A vida pode ser uma “montanha-russa”, cheia de altos e baixos. No entanto, conta mais a forma como lidamos com a crise, do que a crise em si. Todos, em algum momento da vida, passamos por situações difíceis, de qualquer tipo. Como criança na fase de crescimento, por exemplo, podemos ter nos sentido negligenciados ou abusados sexual ou fisicamente? Ou, quem sabe, algum dos pais abandonou a família, foi alcoólatra ou morreu?



Qualquer grande crise pode ser extremamente estressante e pode causar danos psicológicos mais tarde. Contudo, pesquisadores demonstraram que nossa capacidade de suportar a crise depende de nossa força interior ou resiliência. Se nascemos de natureza fácil de lidar e acolhedora, por exemplo, somos mais propensos a “desviar” dos altos e baixos da vida. Mesmo que possamos não ter essa “sorte” (ao contrário daqueles que não parecem ter nenhum problema na vida), pesquisadores descobriram que crianças podem desenvolver resiliência, especialmente se forem ensinadas nos primeiros 10 anos de vida. A próxima questão é:

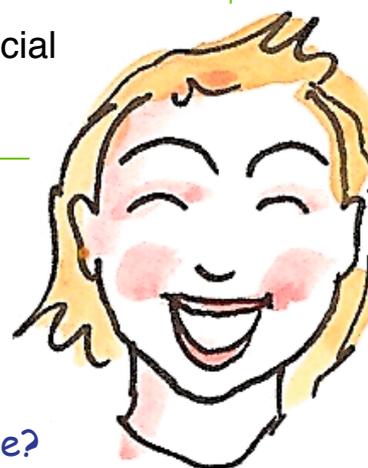
Como aprendemos e desenvolvemos a resistibilidade?

Pesquisadores concordaram que precisamos de certas qualidades a fim de suportar uma crise e de sermos capazes de juntarmos nossos cacos sozinhos depois de um tombo forte. Por exemplo:

- Habilidades de relacionamento
- Esperança
- Independência
- Fantasia
- Criatividade
- Humor
- Determinação
- Coragem
- Compreensão
- Reflexão

Essa é a estrutura que nos mantém unidos e nos ajuda a superar situações de crise. Mas como aprender e desenvolver essas capacidades? Pesquisadores concordam que só é possível se formos muito determinados. E existem ferramentas práticas para isso, assim como os sete pilares do conceito de resiliência:

1. Otimismo
2. Aceitação
3. Orientação para solução
4. Sair do papel de vítima
5. Tomar responsabilidade
6. Desenvolver um círculo social
7. Planejar o futuro



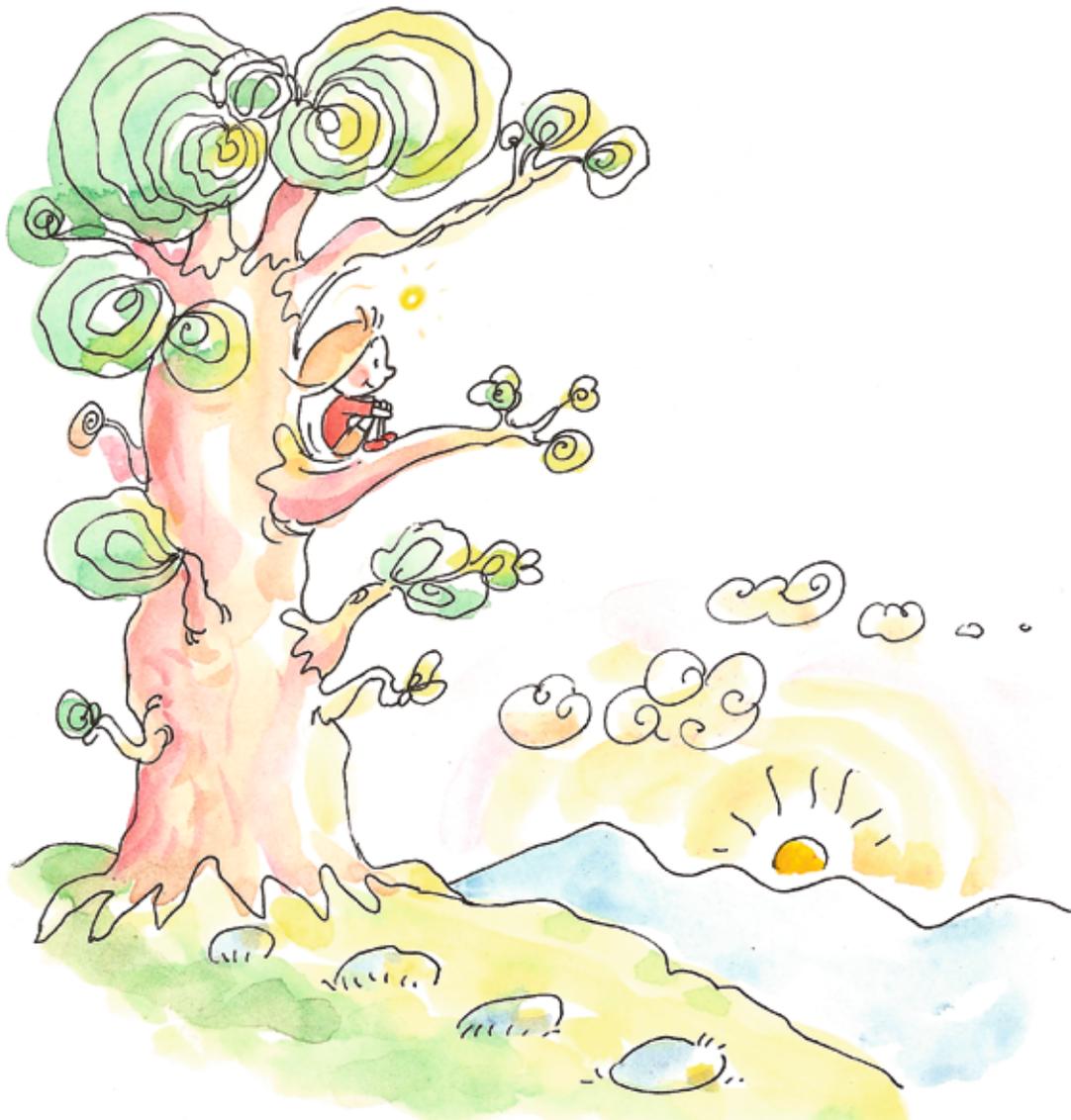
Resiliência, uma maneira de lidar com uma crise?

O terapeuta familiar estadunidense H. N. Wright, compara uma pessoa resiliente a um boxeador que está nocauteado no ringue, mas se levanta e escolhe uma tática totalmente nova.

Pessoas não-robustas não mudam seu jeito, mas são derrubadas novamente. Segundo Wright, elas cometem dois erros: amaldiçoam suas crises. Concentram-se única e exclusivamente no problema, mas não pensam na questão de como resolvê-lo. Pessoas resilientes lidam de forma diferente com os golpes do destino e a derrota. Segundo pesquisas psicológicas recentes, as seguintes características de pessoas resilientes podem ser aprendidas:

1. Aceitar a crise e os sentimentos que estão ligadas a ela

Pessoas resilientes tomam mais tempo. Elas sabem: fugir não é ajuda. Elas estão ligadas que não podem pensar de forma clara nem tomar decisões naquele momento. Elas supõem que haverá um momento em que saberão o que fazer. Até lá, procuram um lugar onde se sintam confortáveis (sua própria cama, um lugar na natureza, etc.) e deixem suas emoções se expressarem. Elas não têm vergonha de suas lágrimas, de sua raiva e de seus medos, não reprimem suas emoções.



2. Buscar soluções

As pessoas têm a oportunidade de reagir de forma diferente em situações de crise. Alguns dirão: *“Por que aconteceu comigo?”*, *“O que fiz para merecer isso?”*, *“Por que tenho tanto azar?”*

Enquanto outros, mais resilientes, reagem de forma diferente: *“Tudo bem, as coisas não estão bem nesse momento, mas tomara que melhorem”*.

3. Compartilhar o problema

Pessoas resilientes geralmente conversam com as outras sobre seus sentimentos, preocupações e questões. Elas não tentam resolver o problema sozinhas e buscam apoio. Estudos da psicologia enfatizam que pessoas com uma ampla rede de relacionamentos são muito mais capazes de lidar com conflitos do que aquelas que não. Pessoas resilientes buscam apoio de familiares e amigos que são empáticos em ajudá-las quando estão em uma situação difícil.

4. Sair do papel de vítima

Às vezes, é fácil se sentir vítima do destino ou das circunstâncias quando surge um conflito ou uma situação de crise. Culpar os outros ou qualquer outra coisa significa que não precisamos nos responsabilizar ou sequer tentar uma mudança. Pessoas resilientes, no entanto, não são facilmente derrotadas e raramente culpam os outros ou a si mesmas.

5. Ser otimista

Pessoas resilientes geralmente conseguem se manter otimistas frente a uma crise, ou seja, sempre tentam ver o lado bom de cada situação. Elas frequentemente assumem, de forma realista, que a vida não pode mais piorar e sim melhorar. Mesmo que não haja indícios de melhora até o momento, elas esperam que tudo melhore em algum momento.

6. Perdoar a nós mesmos

Frequentemente, nos acusamos e sentimos culpa pelo acontecimento, por exemplo, podemos sentir que foi nossa culpa se alguém nos rejeitou ou abandonou, pensando: “se eu tivesse feito... eles provavelmente não teriam me deixado...”. Pessoas resilientes raramente se entregam a tais acusações porque sabem que isso não resolverá o problema. E sabem que, tanto quanto elas mesmas, outros fatores e/ou pessoas estão envolvidos na situação.

7. Planejar o futuro

Pessoas resilientes não tomam nada como garantido. Elas sabem que a vida é feita de altos e baixos e se preparam mentalmente para enfrentar a situação.

Pessoas resilientes não se apegam a outras pessoas, ideias ou coisas que possam machucá-las. Elas preferem ter uma atitude como: “na vida nada é permanente, nem as coisas boas, nem as ruins.” Elas aceitam que as perdas são temporárias, não se culpam em situações de vida difíceis e abordam problemas como um desafio que lhes permite crescer. Resiliência é o produto final de um processo que não elimina risco ou sofrimento, mas permite às pessoas lidar com eles de forma eficaz.

Ver Birgit Wolter

Como adultos podem ajudar crianças a fortalecer sua resistência interior?

Pesquisas mostram que “crianças fortes” correm menos risco de entrar em depressão, provocar algum dano a si mesmas ou a outras, fazendo uso de violência, álcool, drogas ou outras formas de dano a si mesmas.

A chave para a força interior são a autoconfiança e a competência emocional. Por exemplo, acreditar em si e na sua capacidade de realizar bem as coisas; em ter autoestima, força e habilidade de recuperação depois de ter estado fora de forma.

Como as crianças se tornam "fortes" e desenvolvem autoconfiança?

Se, por exemplo:

- *Elas crescerem numa família disfuncional, ou seja, marcada por violência, abuso ou negligência*
- *Crescerem em zonas de guerra ou áreas de alta vulnerabilidade*
- *Um ou mais membros da família morreram*
- *Os pais estão desempregados e a família está em uma situação de pobreza*
- *Elas se sentem rejeitadas, não amadas, abandonadas ou sozinhas*
- *A vida diária e o ambiente são caracterizados pela violência*

Para serem fortes, as crianças precisam de um ambiente saudável:

1. Membros familiares e amigos
2. Uma pessoa de confiança
3. Modelos positivos de conduta
4. Estrutura e rotina
5. Interesses e passatempos
6. Limites e responsabilidades
7. Apoio em momentos de crise



Crianças saudáveis ou crianças emocionalmente balanceadas precisam de estabilidade, estrutura e rotina. Nos casos em que isso não é possível, por exemplo, em áreas devastadas por guerra ou em lares disfuncionais ou violentos, é importante que elas tenham alguém com quem conversar, alguém que as ouça e ofereça apoio – podendo ser os avós, a tia ou o tio. Se nenhum membro familiar estiver disponível, o suporte precisa vir de fora do círculo familiar, como por exemplo, dos amigos, vizinhos, educadores ou trabalhadores sociais.

As crianças podem aprender a ter autoconfiança e força interior. No entanto, precisam do apoio e ajuda dos adultos que sejam modelos positivos de conduta. É importante que tentemos orientá-las e ensiná-las a se tornarem responsáveis por elas mesmas, suas ações e comportamentos. Em situações difíceis é importante oferecer compreensão e apoio, além de mostrar a elas como lidar com uma crise. As crises podem nocautear as pessoas, mas também podem fazê-las crescer.

A parte prática deste manual mostra como podemos cultivar e nutrir a força interior nas crianças com o auxílio de exercícios, instruções pedagógicas e jogos.

9. DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Em 20 de novembro de 1989, as Nações Unidas adotaram a Convenção sobre os Direitos da Criança. Pela primeira vez na história, um documento que detalha os direitos das crianças e adolescentes – de todos com menos de 18 anos – foi elaborado e vinculado ao direito internacional.

Com 196 Estados signatários, a Convenção sobre os Direitos da Criança é o tratado de direitos humanos de maior sucesso. É universalmente reconhecido. De todos os Estados ao redor do mundo, somente os Estados Unidos não são signatários.

A mensagem é:

Os direitos humanos se aplicam a todos, não importa a idade. Crianças e adolescentes têm os mesmos direitos humanos que os adultos. Mas crianças e adolescentes são particularmente vulneráveis e, dessa forma, têm direitos adicionais em conformidade com essa necessidade de proteção e apoio ao seu desenvolvimento como jovens. Os Estados e as sociedades são responsáveis por criarem essas condições. Eles precisam garantir que esses deveres sejam cumpridos em todos os níveis, por exemplo, nas famílias, escolas e comunidades, nas esferas regionais e nacionais.

A adoção da Convenção sobre os Direitos da Criança foi um marco em reconhecer os direitos das crianças e adolescentes. Mas a implementação e realização desses direitos são ainda um grande desafio para todos os países do mundo. Houve muito progresso na garantia dos direitos das crianças e adolescentes desde a adoção da Convenção em 1989, mas ainda há muito por fazer e melhorar. Grupos ativistas pelos direitos humanos e pelos direitos da criança, jovens e crianças de várias partes do mundo estão lutando pela defesa e garantia dos direitos da criança, todos os dias.

A Convenção sobre os Direitos da Criança garante proteção governamental, serviços e direitos específicos a todas as crianças e jovens menores de 18 anos. Há 41 artigos descrevendo os direitos da criança e do adolescente. Aqui segue uma seleção da Convenção dos Direitos da Criança:

12 importantes Direitos da Criança - uma seleção

1. O melhor interesse da criança sempre deve ser a maior prioridade
2. O direito de ter uma família, bem-estar e um lugar seguro para viver
3. O direito à alimentação adequada e saudável e à água
4. O direito à assistência médica e cuidados básicos de saúde
5. O direito a cuidados e tratamentos adequados
6. O direito à proteção contra a violência e exploração
7. O direito à proteção contra o serviço militar
8. O direito à educação e formação profissional
9. O direito ao tratamento igualitário e não-discriminação
10. O direito de ser legalmente registrado no momento do nascimento e de ter uma nacionalidade
11. O direito de participar plenamente na vida social
12. O direito ao lazer, à recreação e ao direito de brincar

A Convenção dedica alguns artigos específicos para sérias violações dos direitos das crianças e adolescentes.

Por exemplo:

Artigo 19 – Proteção contra todas as formas de violência, abuso ou negligência

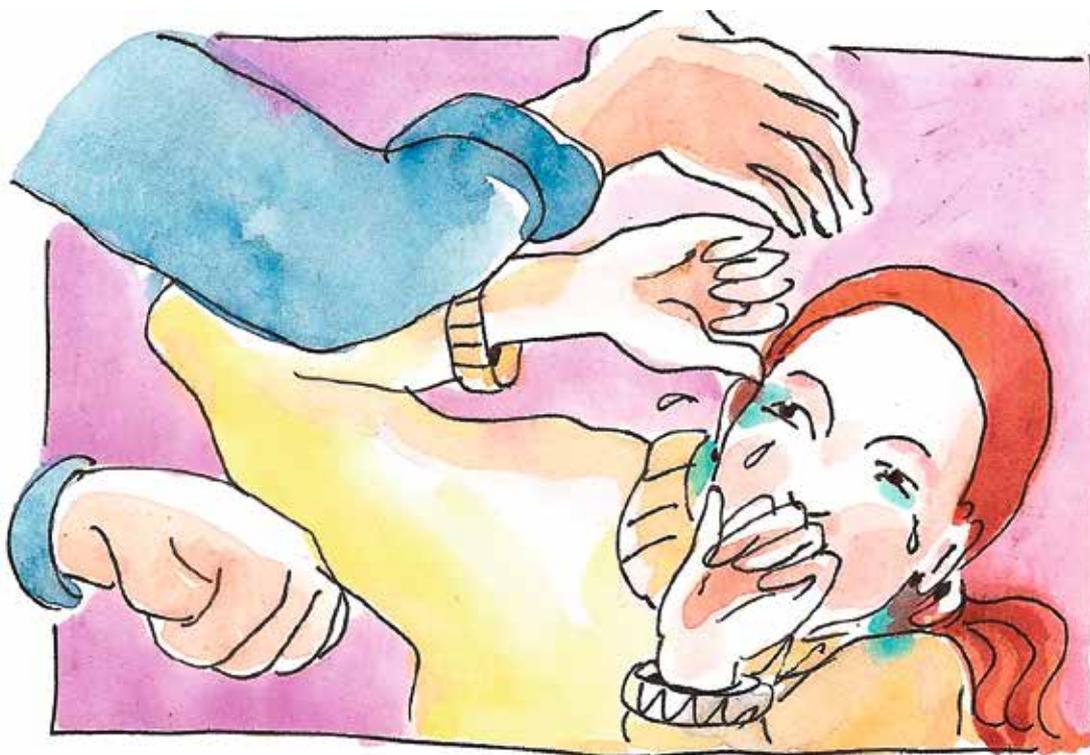
Artigo 32 – Proteção contra a exploração econômica e o trabalho prejudicial

Artigo 34 – Proteção contra o abuso sexual

Artigo 35 – Proteção contra o tráfico de crianças e adolescentes

Artigo 38 – Proteção em conflitos armados e contra o recrutamento de crianças e adolescentes ao exército e a grupos armados

Violência contra crianças e adolescentes na escola e na família



Artigo 19: Proteção contra todas as formas de violência, abuso e negligência

"Os Estados Partes devem adotar todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, ofensas ou abusos, negligência ou tratamento displicente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual."

Em todo o mundo e todos os dias, crianças e adolescentes apanham, são abusadas, maltratadas, negligenciadas e abandonadas, tanto na família quanto na escola. Há, entretanto, avanços em alguns países e espera-se que um dia todas as crianças e adolescentes possam viver sem medo. A sensibilização e a mobilização continuam para atingirmos novas mudanças.

Crianças e adolescentes como produto - exploradas e destruídas



Artigo 32, 34 e 35: Proteção contra exploração econômica, trabalho nocivo, abuso sexual, sequestro e tráfico de crianças e adolescentes.

Artigo 32

Os Estados Partes reconhecem o direito da criança de ser protegida contra a exploração econômica e contra a realização de qualquer trabalho que possa ser perigoso ou interferir em sua educação, ou que seja prejudicial para sua saúde ou para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social.

Artigo 34

Os Estados Partes comprometem-se a proteger a criança contra todas as formas de exploração e abuso sexual.

Artigo 35

Os Estados Partes devem adotar todas as medidas em âmbito nacional, bilateral e multilateral que sejam necessárias para impedir o sequestro, a venda ou o tráfico de crianças, para qualquer fim ou sob qualquer forma.

Centenas de milhares de crianças no mundo são vendidas para servirem de trabalho escravo. O número de crianças e adolescentes sendo traficadas para atender à crescente necessidade de crianças adotadas nas classes e países ricos está aumentando. Especialistas das Nações Unidas estimam que dois milhões de mulheres, meninas e meninos são traficados para prostituição todo ano.

O tráfico de crianças e adolescentes segue um padrão comum, ou seja, o traficante (intermediário, vizinho ou familiar) engana a vítima (ou sua família) com promessas de ganho financeiro, uma boa educação ou um trabalho bem remunerado. Uma vez que as crianças e adolescentes ou suas famílias aceitam a isca e caem na armadilha, elas são sequestradas e levadas a um lugar distante, para serem vendidas e exploradas.

Os traficantes normalmente buscam por alvos fáceis, por exemplo, meninas ou meninos órfãos, de minorias étnicas, crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade que já foram abusadas sexual ou fisicamente, crianças que fugiram de casa ou que vivem em condições difíceis ou de pobreza.

Falta de conscientização, de coordenação profissional, de fundos, além da omissão dos governos em atuar em todo o mundo, faz o trabalho sujo do traficante ser muito lucrativo e fácil. O tráfico de crianças e adolescentes e a prostituição infantil é um negócio global que está se tornando tão lucrativo quanto a venda de armas ou drogas.

O fato desse “negócio” desumano mas lucrativo aumentar, se deve, em parte, a um enorme desequilíbrio econômico no mundo. A distribuição desigual de renda, as estruturas injustas do mercado global e a queda nos preços globais de mercado para determinados bens, a destruição da natureza por grandes empresas de agricultura e mineração e mega projetos como barragens levam à pobreza e à falência de muitas famílias acabando até com suas existências em áreas rurais e indígenas. Baixos salários sem proteção social não são suficientes para a sobrevivência – mesmo se ambos pais trabalharem. Assim, muitas famílias exigem que seus filhos trabalhem em condições precárias, por exemplo, na indústria têxtil ou vendendo produtos nas ruas.

O trabalho infantil é barato, sob crescente pressão competitiva, como por exemplo na indústria têxtil, muitas crianças ganham um salário extremamente baixo enquanto seus pais se tornam desempregados.

O que fazer?

Uma das medidas mais efetivas contra o trabalho infantil é melhores salários aos adultos e medidas de seguridade social. Organizações internacionais de proteção dos direitos da criança, como terre des hommes, assim como organizações de crianças trabalhadoras, como o movimento de trabalhadores infantis no Peru (Manthoc), na Bolívia (Unatsbo), na Índia (Bal Mazdoor Sangh) ou na África (AMWCY) não são contra crianças ou adolescentes fazerem qualquer tipo de trabalho, mas, são contra qualquer forma de trabalho forçado ou exploração – de acordo com o Artigo 32 da Convenção sobre os Direitos da Criança.

Eles insistem, publicamente, que crianças e adolescentes que trabalham têm condições melhores de trabalho (por exemplo, carga horária adequada, remuneração e tratamento médico) e podem frequentar a escola. Crianças e jovens trabalhadoras em muitos países reivindicam seu direito a trabalhar em condições adequadas para elas, pois não querem ser criminalizadas ou punidas por trabalhar. É óbvio que, todas as formas de trabalho infantil exploradoras, prejudiciais e perigosas devem ser legalmente proibidas e os crimes cometidos por empresas ou empregadores, devem ser rigorosamente penalizados.

Crianças em conflitos armados



Artigo 38: Proteção contra conflitos armados e contra o recrutamento de crianças e adolescentes ao exército e a grupos armados.

Os Estados Partes comprometem-se a respeitar e a fazer com que sejam respeitadas as normas do direito humanitário internacional aplicáveis à criança em casos de conflito armado. Os Estados Partes devem adotar todas as medidas possíveis para impedir que menores de 15 anos de idade participem diretamente de hostilidades. Importante: Desde o ano 2000, existe um Protocolo Adicional à Convenção sobre os Direitos da Criança que foi ratificado por pelo menos 170 países, aumentando a idade mínima de recrutamento ao exército e a grupos armados para 18 anos.

Muitas crianças e adolescentes crescem em locais de guerra ou crise civil. Sua vida cotidiana é cercada pela guerra, violência e destruição. Algumas são recrutadas de forma forçada como soldados por exércitos ou grupos armados e raptadas. Outras são ludibriadas com falsas promessas e dinheiro. Elas esperam por proteção e cuidado, mais segurança e uma chance para sobreviver com a posse de uma arma. Algumas também querem se vingar pela morte dos pais ou membros da família. Muito poucas são aquelas que lutam por convicções religiosas ou políticas.

O desenvolvimento e a proliferação, pouco controlada, de armas leves e de pequeno porte facilitam que as partes em guerra mandem crianças e adolescentes para o conflito armado. Países como os Estados Unidos, Rússia, China, Reino Unido, França, Alemanha e Itália, exportam uma quantidade enorme de armas de pequeno porte para áreas críticas. Países em conflito estão cheios de armamento e o tráfico ilegal está aumentando. Os preços são baixos, chegando a ter pistolas disponíveis por menos de 50 dólares.

Uma vez que estão integradas nas forças armadas como soldados, estas crianças e adolescentes – como todos os soldados – são submetidas a rigorosas regras de obediência prejudiciais ao seu desenvolvimento de muitas formas. Por exemplo, punições por desobediência geralmente incluem tortura ou pena de morte. Soldados-criança geralmente têm de assumir tarefas especialmente perigosas, como limpeza de minas, espionagem ou ataques na linha de frente. Elas estão em extremo perigo de serem mortas, mutiladas ou traumatizadas.

O que fazer?

Dessa forma, o recrutamento de crianças e adolescentes com idade inferior a 18 anos para o exército ou grupos armados deve ser impedido. Todas as crianças-soldados devem ser desmobilizadas e obter apoio para ser capaz de reintegrar às suas famílias e à sociedade. As exportações de armas para regiões em crise devem ser estritamente proibidas pelas leis internacionais e nacionais.

- Milhões de crianças e adolescentes no mundo são explorados e obrigados a trabalhar em condições terríveis.
- Todos os anos, milhões de crianças e adolescentes morrem de fome, desnutrição e doenças evitáveis.
- Cerca de 250.000 crianças e adolescentes em todo o mundo são recrutados como soldados em guerras e conflitos armados.

Apesar da ratificação universal da Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas, injustiças sociais e graves violações dos direitos da criança continuam. Que se trate de problemas econômicos, conflitos pessoais, políticos, religiosos, estruturas mercadológicas globais injustas, falha ou omissão dos governos ou por qualquer outro motivo – isso precisa acabar!

Mais vontade política, melhores leis e aplicação da lei, mais esforços internacionais e mais recursos financeiros são necessários para enfrentar estes problemas. Organizações de ajuda e de direitos da criança e grupos da sociedade civil que trabalham pelos direitos e melhoras das condições de vida das crianças e adolescentes precisam de mais apoio, política e financeiramente.

Todo mundo pode ser protagonista frente a esses problemas, nos níveis locais, regionais, nacionais ou internacionais. Um exemplo positivo é a Campanha Mão Vermelha: meio milhão de pessoas em mais de 50 países mostraram impressões de mãos vermelhas para impedir o uso de crianças e adolescentes como soldados.

www.redhandday.org

10. IGUALDADE ENTRE MENINAS E MENINOS

O que significa gênero?

Gênero refere-se aos papéis, comportamentos, atividades e oportunidades atribuídas às meninas e aos meninos em uma sociedade, e como eles interagem. Os papéis e responsabilidades sociais mudam e variam de uma sociedade para outra, muitas vezes criando desigualdades e a discriminação de um sexo ou orientação sexual. De acordo com o Artigo 2 da Convenção sobre os Direitos da Criança, crianças e adolescentes não devem ser discriminadas e todas as crianças devem gozar de direitos iguais “independente de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, origem nacional, étnica ou social, propriedade, incapacidade, nascimento ou qualquer outro status da criança, dos pais ou guardiões. Meninas e meninos devem, portanto, desfrutar dos mesmos direitos e serem igualmente respeitados.

O termo “gênero” refere-se ao papel social que a pessoa exerce em oposição ao sexo biológico. Em outras palavras, “feminino” e “masculino” são categorias (sociais) de gênero, enquanto “fêmea” e “macho” são categorias (biológicas) sexuais.

O termo “gênero” tem mais de uma definição válida. A Organização Mundial da Saúde (OMS), por exemplo, usa “gênero” para se referirem aos “papéis socialmente construídos, comportamentos, atividades e atributos que uma determinada sociedade considera apropriados para homens e mulheres.”

O termo “sexo” é, dessa forma, sobre diferenças biológicas e físicas entre machos e fêmeas, enquanto diferenças de “gênero” são construídos por sociedades e culturas, não tendo um componente biológico necessariamente agregado. São produto de socialização – onde sociedades concordam e constroem diferentes papéis, expectativas e responsabilidades sociais para homens e mulheres.

Diferenças sexuais (diferenças biológicas e físicas)

Geralmente:

- Machos são normalmente mais altos do que as fêmeas.
- Fêmeas têm a genitália diferente dos machos.

Diferenças de gênero (diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres)

- Homens ganham mais dinheiro que mulheres fazendo o mesmo trabalho.
- Em alguns países homens podem dirigir, mulheres não.
- Em muitos países, o número de homens que sabem ler e escrever é mais alto que o de mulheres. Em outros, é o contrário.

Em algumas sociedades, diferenças de gênero e preconceitos culturais podem levar à discriminação contra mulheres e homens ou por orientação sexual em algumas áreas,

como por exemplo, direitos civis e liberdades individuais desiguais, desigualdade econômica ou violências de gênero.

Dupla discriminação

Em muitos países, meninas não têm tempo de fazer as tarefas escolares de casa pela quantidade de trabalho em casa que precisam fazer. Na escola, são punidas por não fazerem suas tarefas escolares de casa.

O que é violência de gênero?

A violência de gênero é um tipo de ação violenta que parte das desigualdades sociais entre meninos e meninas ou entre homens e mulheres. Pode ser física, emocional ou sexual. Pode ocorrer em casa, na escola, no trabalho ou em público. A violência de gênero tem suas raízes na família e na sociedade. Dessa forma, família e escola são fatores importantes para educar as pessoas à não-violência.

A violência de gênero reflete e reforça desigualdades entre homens e mulheres. Compromete a saúde, a dignidade, a segurança e a autonomia de suas vítimas. Essa violência inclui uma ampla gama de violações dos direitos humanos, incluindo o abuso sexual infantil, estupro, violência doméstica, assédio sexual e molestamento, tráfico de mulheres, meninos e meninas, e diversas práticas tradicionais nocivas como mutilação genital, circuncisão de meninos e meninas e casamentos infantis. Todas essas formas de abusos podem causar profundas cicatrizes psicológicas e prejudicar a saúde em geral, incluindo a saúde reprodutiva levando, em alguns casos, à morte.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) afirma: “A violência de gênero e a violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública e direitos humanos ao redor do mundo. O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, da OMS, mostra que “uma das formas mais comuns de violência contra a mulher é cometida por maridos ou membros da família do sexo masculino”. Esse tipo de violência é muitas vezes invisível, pois acontece de portas fechadas e muitos dos sistemas jurídicos e as normas culturais não a tratam como crime, mas como um problema particular da família ou uma parte normal da vida.

Meninas geralmente experimentam e lidam com a violência de forma diferente dos meninos. Por exemplo, em geral é mais provável que meninas sejam vítimas de estupro ou abuso sexual. Meninos geralmente estão mais expostos a violências físicas como chutes e socos e são mais propensos a se tornarem violentos fisicamente quando estão com raiva. Meninas, por outro lado, tendem a usar da violência emocional como insultos ou chantagem. Mas essas são apenas tendências, existem grandes diferenças individuais.

II. AMIZADE E AMOR

A importância da amizade

Como seres humanos, precisamos ter senso de pertencimento e nos sentirmos conectados. Quando somos mais novos, nossos amigos são muito importantes para nós. Alguns de nós tínhamos até amigos imaginários, ou mesmo os animais de estimação ou brinquedos se tornavam nossos amigos íntimos. A necessidade de ter amigos continua na adolescência, quando estamos começando a encontrar nossa própria identidade. Nossos amigos têm uma grande influência em como desenvolvemos nossa personalidade.

Amigos são pessoas que nos amam, apesar das nossas falhas. Eles nos ouvem e nos dizem a verdade. Amigos dão apoio em nossas decisões, mas também nos dizem quando estamos sendo tolos.



Eles riem conosco e compartilham a nossa dor. Estão conosco e compartilham os nossos interesses. Discutem com a gente e estimulam nossas mentes. São pessoas para as quais não hesitamos em revelar nossos desejos e segredos ou aquilo que está passando pela nossa cabeça.

Amigos são o nosso sistema de apoio junto com a nossa família. Quando você pode contar com seus amigos, você se sente seguro e protegido. Você sente que faz parte. Amigos oferecem aceitação e apoio emocional. Eles também ajudam, ocasionalmente, com os aspectos práticos da vida cotidiana, cozinhando uma refeição (ou levando-o para comer fora), ajudando nas tarefas ou dando uma carona quando



você precisa. Amigos também estão ali para oferecer conselhos, ouvidos para ouvir, ou um ombro para chorar. A amizade nos ajuda a nos sentirmos conectados e menos isolados.

Na idade escolar, as amizades são essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças. Pesquisas afirmam que crianças que não têm amigos podem sofrer de problemas mentais e emocionais na vida adulta. A amizade oferece às crianças mais do que apenas companheiros de brincadeiras.

A amizade ajuda as crianças a se desenvolverem emocional e moralmente. Ao interagir com amigos, as crianças aprendem muitas habilidades sociais, tais como a forma de se comunicar, cooperar e resolver problemas. Ter amigos ajuda as crianças a aprenderem a controlar suas emoções, e como responder às dos outros. Dá a elas a oportunidade de pensar sobre as coisas, e a negociar situações difíceis que surgem em seus relacionamentos.

Ter amigos afeta até o desempenho das crianças nos estudos. Elas tendem a ter melhores atitudes em relação à escola e à aprendizagem quando têm amigos no ambiente escolar. Em suma, as crianças se beneficiam muito de ter bons amigos. A amizade é muito importante para ajudar uma criança a crescer. Ela ajuda no desenvolvimento da autoconfiança e das habilidades sociais de que precisam como uma criança e, mais tarde, como adulto.

Ver Millie Ferrer e Anne Fugate

A EQUIPE



Rita Erben (Alemanha)

Nascida em 1955, viveu em Colônia e desde 2008 vive no sul da Índia, em Auroville. Estudou Pedagogia Social e Comunicação. Após 10 anos trabalhando como pedagoga social, mudou sua área de trabalho para o de mídia. Entre 1993-2008, ela foi roteirista de rádio e TV freelance para emissoras públicas (ARD e ZDF) com foco em direitos humanos e políticas sociais. Por 15 anos, trabalhou em todo o mundo em zonas de guerra e de crise. *Durante esse tempo aprendi que não podemos encontrar a paz por meio da violência, da ciência, da revolução ou da religião. A paz só pode ser encontrada dentro de si mesmo. Trabalhar nesse projeto para a paz é um primeiro passo.*



Astrid Kummer (Alemanha)

Nasceu em 1970 em Viernheim, Alemanha. Frequentou a Faculdade de Educação, em Berlim. Mais tarde trabalhou por um ano em uma escola para meninas em Londres. Desde 1995 vive em Auroville, Índia, onde está envolvida em vários projetos sociais e culturais. *Eu não aprendi esse tipo de coisa na escola. Então, penso que as crianças podem aprender mais para a vida se tenham acesso a espaços para se conhecer e se compreender melhor. Espero que o resultado desse trabalho nos leve a conviver mais pacificamente.*



Emanuele Scanziani (Itália)

Nasceu em 1966 em Milão, Itália. Começou a ser ilustrador aos 16 anos de idade e trabalhou por 12 anos no negócio de sua família, uma empresa gráfica que cria cartões e ilustra livros infantis. Em 1995 mudou-se para Auroville, onde trabalha como ilustrador. Existem muitos livros ilustrados para projetos de todo o mundo promovendo o desenvolvimento sustentável e projetos ambientais e educacionais.



Ralf Willinger (Alemanha)

Jornalista e mediador, trabalha para a organização dos direitos da criança terre des hommes desde 2007. *Viajando através de áreas de conflito eu conheci jovens que organizam manifestações pela paz e torneios de futebol, apesar das ameaças de morte. Essas pessoas são como fontes de paz. Elas podem despertar o poder da paz que está adormecido em cada um de nós. Podem inspirar os outros com o seu entusiasmo e a sua coragem. É importante fortalecer este poder de paz interior e a compreensão para os outros e por si mesmo. Você pode fazê-lo com a ajuda deste maravilhoso manual. Meus filhos estão encantados com Papui, Draggy e Benê.*



Oliver J. Wiebelt (Alemanha)

Nasceu em 1968, em Heidelberg, Alemanha. Iniciou sua carreira profissional como banqueiro. Esteve envolvido em seminários sobre crescimento pessoal e ensinou programas de software. Vive em Auroville há mais de dois anos. *A vida para mim tem tudo a ver com a consciência ... Mesmo que ela não impeça alguém de cometer erros, é a base para a mudança. A humanidade está à beira de uma grande mudança e é uma obrigação plantarmos a semente agora, para que as crianças se tornem parte de uma vida melhor, sem violência.*



S. Mahalingam (Índia)

Estou feliz por ter tido uma pequena parte, uma parte muito pequena como a do esquilo no Ramayana, neste projeto benevolente, criativo e eficaz para ajudar crianças e jovens a serem verdadeiros, a evitar a violência e, assim, viver em harmonia dentro da família, da comunidade e do mundo como um todo.

Agradeço a Rita por me dar a oportunidade de servir a esta causa nobre.



Maryse Rivolier (Brasil)

Eu trabalhei neste projeto porque eu fui vítima da violência: Violência na minha família, desde muito cedo – porque meu pai era alcoólatra.

Violência na sociedade – temos sido ignorados pela nossa pobreza e pelo alcoolismo do meu pai.

Violência na escola – a minha cabeça estava tão cheia de medo, que não havia mais espaço para estudar. Através do meu sofrimento e a violência o meu ser essencial era tão deformado e o meu comportamento tão afetado que levei anos (e ajuda profissional) para encontrar o meu verdadeiro eu.

SOBRE AUROVILLE

Os autores e muitas pessoas que participam do programa vivem em Auroville.

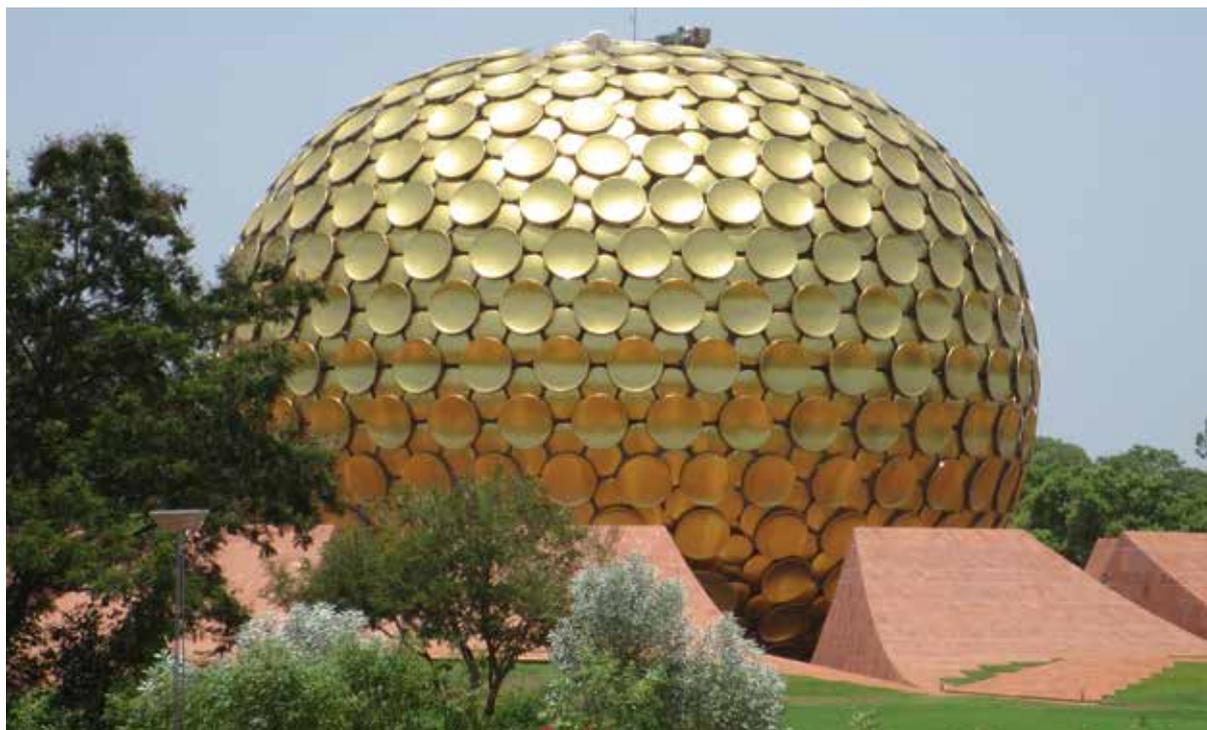
Auroville foi fundada como uma cidade universal pela francesa nacionalizada Mirra Alfassa, chamada de “A Mãe”. Após uma chamada da UNESCO, no dia 28 de fevereiro de 1968, jovens representando 124 nações e todos os Estados da Índia se reuniram para inaugurar o município e receber a sua Carta.

O propósito de Auroville é realizar a unidade humana – na diversidade. Hoje Auroville é reconhecida como o primeiro e único experimento internacionalmente em andamento sobre a unidade humana e transformação da consciência. Também objetiva pesquisar a vida sustentável e o futuro cultural, ambiental, social e as necessidades espirituais da humanidade.

Auroville está localizada no sul da Índia. Pessoas de 45 nações, de todas as faixas etárias (desde a infância até mais de oitenta, com uma média em torno de 30 anos de idade), de todas as classes sociais, origens e culturas representam a humanidade como um todo. A população do município está em constante crescimento, mas atualmente está em torno de 2.160 pessoas, das quais cerca de um terço são indianos. Auroville é um modelo único no mundo pela paz e pelo entendimento internacional. O município continua a crescer e, a longo prazo, está planejado para uma população de 50.000 habitantes. Entre outros, UNESCO e a UE apoiam Auroville em seu objetivo.

“Auroville pretende ser uma cidade universal onde homens e mulheres de todos os países sejam capazes de viver em paz e harmonia progressiva acima de todos os credos, todas as ideologias e todas as nacionalidades. O propósito de Auroville é realizar a unidade humana.

Mirra Alfassa



UM SONHO

Deve haver, em algum lugar sobre a terra, um local que nenhuma nação pudesse reivindicar como sua propriedade. Um lugar onde todos os seres humanos de boa vontade, sinceros em sua aspiração pudessem viver livremente como cidadãos do mundo, obedecendo a uma única autoridade, a da Verdade suprema; um lugar de paz, concórdia, harmonia, onde todos os instintos de luta do homem seriam utilizados exclusivamente para dominar as causas de seu sofrimento e miséria, para superar sua fraqueza e ignorância, para triunfar sobre suas limitações e incapacidades; um lugar onde as necessidades do espírito e o cuidado para o progresso estivessem acima da satisfação dos desejos e paixões e da busca por prazeres materiais.

Neste local, as crianças seriam capazes de crescer e se desenvolver integralmente, sem perder o contato com a sua alma. A educação seria dada, não com uma visão para passar nos exames, receber certificados e diplomas, mas para enriquecer as faculdades mentais existentes e incentivando a criação de novas. Neste lugar títulos e posições seriam suplantados por oportunidades de servir e organizar. As necessidades do corpo serão atendidas indistintamente, para todos. Na organização geral, a superioridade intelectual, moral e espiritual encontra expressão não na melhoria dos prazeres e poderes de vida, mas no aumento de deveres e responsabilidades.

A beleza artística em todas as formas, como pintura, escultura, música, literatura, será disponível igualmente a todos, a oportunidade de compartilhar as alegrias que eles trazem seria limitada apenas pela capacidade de cada um e não pela posição social ou financeira.

Pois neste lugar ideal dinheiro não seria mais o senhor soberano. O mérito individual terá maior importância do que o valor devido a riqueza material e posição social. O trabalho não seria visto como meio subsistência, mas como um meio de expressão para desenvolver capacidades e possibilidades individuais e, ao mesmo tempo, de serviço para a grupo todo, que por seu lado provê a subsistência de cada um no seu campo de trabalho.

Em suma, seria um lugar onde as relações entre os seres humanos, geralmente baseadas quase que exclusivamente em competição e conflitos, seriam substituídas por relações de incentivo para fazer melhor, para a colaboração, as relações de real fraternidade.

Mirra Alfassa

terre des hommes

Apoio à Infância

Nosso objetivo é ter uma “terre des hommes”, que, em francês, significa “terra da humanidade”. Contribuímos com o fim da violência contra as crianças e as protegemos da escravidão, exploração, abuso e negligência. Estamos comprometidos em ajudar crianças a crescer em um ambiente saudável e sustentável, que proporcionará oportunidades de vida para as gerações futuras.

terre des hommes é independente de governos, empresas, comunidades religiosas e partidos. Não enviamos colaboradores ou colaboradores da Alemanha, mas fornecemos a organizações locais apoio financeiro e estratégico. Nossas organizações parceiras organizam e desenvolvem projetos sociais com foco nos direitos da criança. Sempre que possível, crianças são envolvidas no planejamento e implementação das ações de tais projetos. Além do apoio direto local, nos engajamos no nível político através da realização de campanhas e trabalho de incidência política (advocacy) com vistas à melhoria da situação de vida de crianças.

terre des hommes Deutschland e.V. foi fundada em 1967 por gente comprometida em ajudar crianças gravemente feridas no contexto da Guerra do Vietnã. Somos membros da rede da Federação Internacional terre des hommes e, atualmente, apoiamos mais de 430 projetos em todo o mundo. Na Alemanha, cerca de 1.400 voluntárias e voluntários de mais de 90 localidades estão engajados junto com terre des hommes na luta pelos direitos da criança.

Para doações:

IBAN: DE34 2655 0105 0000 0111 22

BIC: NOLADE22XXX

Soyez Vrai – Non Violent היה אמיתי לא אליים सच्चे बनो-हिंसक नहीं। Sii Ver
Violència Não Sejam Verdadeiros உண்மையுள்ளவனாய் இரு வன்முறை த
ander Ohne Gewalt Soyez Vrai Non Violent היה אמיתי לא אליים सच्चे बनो-हिंसक नहीं। Sii Vero Non Violento Se Verdadero y no Viole
Violento Be True Not violent 폭력을 넘어, 사랑으로... A Violència Não
Violència Não Sejam Verdadeiros உண்மையுள்ளவனாய் இரு வன்முறை தவிர்

JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA é um programa de prevenção da violência para crianças e jovens em escolas e outros contextos sociais. As crianças e jovens aprendem a perceber e a expressar os seus sentimentos e a lidar com a sua raiva e frustração.

Aprendem, também, a ter empatia com os outros e a resolver os conflitos de forma pacífica e sem violência. Desta forma, a autoestima das crianças e jovens é fortalecida e eles se tornam fortes para a vida no mundo de hoje.

